



JUVENTUDE FACE À VIDA

Pesquisa
na Região Metropolitana de Belo Horizonte

Arquidiocese de Belo Horizonte
Projeto "Construir a Esperança"

Sumário

| | |
|--|---------|
| Apresentação | pág. 1 |
| Juventude na Região Metropolitana de Belo Horizonte - Relatório por Maria da Conceição Lopes Noronha e Maria Clara Baeta Galuppo | pág. 2 |
| Juventude: Uma Visão Pastoral, por Pe. Carlos Fragoso Filho | pág. 25 |
| Leitura Pastoral da Pesquisa sobre Juventude, pelo Instituto de Pastoral da Juventude/Leste II | pag. 37 |

Publicação do
Secretariado do Projeto Pastoral
"Construir a Esperança"
Rua Espírito Santo, 1059 - Sala 1010
30160-922 BELO HORIZONTE-MG
Telefone: (031)226-5495
1993
FUMARC

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

I24j Igreja Católica. Arquidiocese de Belo Horizonte (MG)
Juventude face à vida: pesquisa sobre os jovens na região metropolitana de Belo Horizonte / Maria da Conceição Lopes Noronha, Maria Clara Baeta Galuppo, Pe. Carlos Fragoso Filho. Belo Horizonte: Projeto Pastoral Construir a Esperança, 1993.
43p. : il.

1. Jovens – Belo Horizonte (MG) - Pesquisa. 2. Teologia pastoral. I. Noronha, Maria da Conceição Lopes. II. Galuppo, Maria Clara Baeta. III. Fragoso Filho, Carlos. IV. Título.

CDU: 256.02

Apresentação

O que realmente pensam os jovens de hoje? Quais são suas aspirações? Quais os comportamentos? Quais, eventualmente, as decepções e contradições que sofrem?

A pesar do grande número de jovens em nossa população, poucas são as pesquisas a respeito, a não ser aquelas com interesses estritamente comerciais, que estudam o jovem como consumidor.

A Arquidiocese de Belo Horizonte, no quadro do projeto pastoral "Construir a Esperança", promoveu uma ampla pesquisa entre a juventude da Região Metropolitana da Capital de Minas. A pesquisa foi realizada pelo Instituto "Opinião, Consultoria e Pesquisa", sob a direção de Antônio Carlos Guimarães. A pesquisa de campo (600 entrevistas) foi realizada entre 17 de dezembro de 1992 e 5 de janeiro de 1993. Esta data deverá ser levada em conta na avaliação dos resultados.

Da pesquisa resultou um relatório de mais de 500 páginas, cuja publicação seria demasiadamente custosa. Encomendamos, portanto, às professoras Maria da Conceição Lopes Noronha e Maria Clara Baeta Galuppo, do Departamento de Sociologia da PUC-MG, um relatório sintético, que aqui publicamos.

Este relatório, pela amplitude dos temas abordados na pesquisa, é de interesse geral e é oferecido a todos os que se ocupam da problemática dos jovens, sob o perfil social, político, pedagógico, psico-afetivo etc.

Além disso, oferecemos duas contribuições de caráter pastoral, que analisam os questionamentos que a pesquisa levanta para a ação da Igreja Católica e indicam pistas ou orientações para que esta ação possa se tornar mais adequada à realidade e às aspirações dos jovens de hoje. As duas contribuições são de autoria do sociólogo padre Carlos Fragozo Filho e da equipe do Instituto de Pastoral da Juventude do Leste II (Minas Gerais e Espírito Santo). O texto de Carlos Fragozo oferece também um resumo rápido dos resultados, que pode ser lido como primeira abordagem geral da pesquisa.

Sem antecipar aqui os resultados, de grande interesse, convidamos os leitores a uma leitura atenta e crítica e renovamos o nosso agradecimento ao sociólogo Antônio Carlos Guimarães e a seus colaboradores, às professoras Maria da Conceição Lopes Noronha e Maria Clara Baeta Galuppo, ao padre Carlos Fragozo e à diretoria do Instituto de Pastoral da Juventude do Leste II. Fazemos votos que uma melhor compreensão das expectativas dos jovens suscite a procura de respostas mais adequadas e eficazes.

Pe. Alberto Antoniazzi
Secretário Executivo do Projeto
"Construir a Esperança"

JUVENTUDE na Região Metropolitana de Belo Horizonte

Relatório:

Maria da Conceição Lopes Noronha
Maria Clara Baeta Galuppo

I - DADOS GERAIS

A pesquisa trabalhou com um total de 600 jovens distribuídos entre 37 bairros, favelas e cidades que compõem a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH).

Responderam ao questionário 307 mulheres e 293 homens em faixas etárias bem distribuídas entre 16 e 24 anos.

Nota-se uma relativa qualidade do nível escolar dessa juventude quando comparada com o conjunto da população, pois os percentuais de analfabetos (1%) e com curso primário (15%) são baixos, contra 40,6% para a população em geral. Apesar das mazelas de nossa situação educacional, podemos notar uma ampliação do alcance da formação escolar básica na RMBH.

No entanto, 66% dos jovens entrevistados teriam idade suficiente para já terem ingressado na universidade, quando somente 9% o fizeram. É evidente o afunilamento do acesso ao curso superior, pois apenas 38% dos jovens chegaram ao 2º grau, passando pelo bico do funil apenas os 9% que conquistaram a universidade.

Apenas 6% dos jovens têm cursos profissionalizantes e somente a metade do universo pesquisado ainda estuda. Está configurado o abandono da escola, certamente trocado pelo imperativo do trabalho para sobrevivência, quando observamos que o número dos que não estudam aumenta significativamente entre os jovens de 16 a 21 anos (de 9,33% para 17%) e entre os de 22 a 24 anos (de 17% para 22%). Podemos inferir daí a predominância do subemprego, pois apenas ele pode absorver essa juventude desqualificada em termos profissionais.

Se comparado o nível escolar com a renda dos entrevistados, verificamos que quanto maior a renda, maior o nível educacional. Assim, há pouquíssimos jovens analfabetos ou apenas com curso primário entre os de nível de renda acima de 5 salários mínimos. Mas também é verdade que ninguém chega à universidade com renda de até dois mínimos.

II - RELIGIÃO

Os resultados obtidos revelam que há predominância de católicos entre os entrevistados (65.6%), seguidos daqueles que se declaram sem religião apesar de acreditarem em Deus (17%) e dos evangélicos (7.83%).

Questionados sobre a Igreja e sua relação com Deus nota-se que a Igreja é vista como um fator de segurança e aproximação da comunidade religiosa, mas que a fé está intrinsecamente ligada a Deus, sendo portanto da esfera individual (50.10%). Isto talvez explique o fato de 63.50% responderem não participar de atividades comunitárias movidos pela fé. Ao mesmo tempo, responderam que é importante praticar religião dentro de uma Igreja (53.3%).

Quando comparados esses percentuais com os da população em geral, temos que o número de jovens protestantes é menos que o da população em geral (-65.88%) e mesmo entre os evangélicos há uma queda em relação à população em geral (-13.0%). No entanto, há um aumento da adesão ao umbandismo pela juventude (+18.57%) e um contingente assustador dos sem-religião, da ordem de 150%; quase duas vezes e meia mais jovens sem-religião do que a média da população. O contingente de ateus é também muito grande entre os jovens, 80% a mais em relação à população em geral.

Assim podemos notar a existência de dois grupos distintos. De um lado, os católicos, protestantes e evangélicos, que têm menos inserção na juventude que na população em geral. E, de outro, os kardecistas, umbandistas, sem religião e ateus, que predominam entre os jovens. É importante observar que o primeiro tem uma prática religiosa institucionalizada, enquanto que o segundo não a tem. Se pensarmos que nesse segundo grupo estão contidos também os sem-religião e ateus, que também não têm vinculação institucional por motivos óbvios, o traço dominante na juventude é a busca de uma religião (quando a buscam) com uma prática não institucionalizada.

Parece então que nenhum credo organizado tem absorvido as parcelas mais jovens da população.

É essa mesma juventude, afastada das igrejas, que também não se aproxima das instituições políticas, sindicais, de representação estudantil e outras, como veremos adiante. Isso nos faz pensar que a fé e mesmo a relação com Deus é tida como da esfera individual (50.10%). Há que se pensar o que afasta a juventude das igrejas (instituições) e não da fé em Deus.

Em todas as religiões há um domínio da frequência feminina que se acentua mais entre os kardecistas e umbandistas e é muito significativa entre evangélicos e protestantes. É insignificante entre os católicos. Na parcela sem religião e atéia, há uma predominância absoluta de homens.

A juventude católica é bem o retrato do nível de escolaridade dos jovens em geral. Há 1.2% de analfabetos; 14% daqueles em curso primário; 38% de ginasianos; 37.8% de colegiais e 9.38% de universitários entre os jovens católicos.

Já a juventude protestante e kardecista é o setor com melhor formação escolar, com maior percentagem de jovens universitários. Os jovens evangélicos, por outro lado, têm um contingente 12.76% de analfabetos e com formação primária, em relação aos 54.17% do seu universo, e de 40.34% e 44.69% para os ginasianos e colegiais em relação aos 23.61% e 20.83%, respectivamente, do seu universo. Quer dizer, há uma melhoria com relação ao nível de escolaridade de jovens evangélicos quando confrontados com a massa da população evangélica em geral.

A juventude sem-religião está composta por 23.47% de analfabetos e com curso primário, 42.12% de ginasianos e 26.5% e 7.8% de jovens de nível colegial e superior, respectivamente. Quase 50% desses jovens tem renda familiar inferior a 5 mínimos.

Quanto à juventude atéia, verificamos que se biparte socialmente em dois segmentos: de um lado, um setor de baixíssima renda (30.8%) e de outro uma elite econômica (23.17%) com renda superior a 20 pisos. Se o primeiro segmento opta pela negação a Deus a partir da marginalização social e econômica, o segundo descrê das instituições em geral, inclusive a religião.

A juventude umbandista conta com 30% de jovens com curso primário, 10% de ginasial e 60% de colegial. Num universo pesquisado de apenas 10 pessoas em 600, não é de se estranhar não haver nem analfabetos nem indivíduos com curso superior.

Os espíritas kardecistas são a elite intelectual. Têm o menor percentual de jovens com apenas curso primário: 4%; 20% de ginasianos; 54% de colegiais e um índice de 20.75% com nível superior. Significa que 75% dos jovens espíritas têm ou cursam o 2º grau do curso superior.

1 - Religião e Renda

Os grupos mais pobres são os evangélicos e os sem-religião, enquanto que os católicos estão relativamente bem distribuídos entre as faixas salariais. Já os protestantes se afastam da média para o alto, pois contam com 42.86% de indivíduos nas faixas de 10 a 20 e mais de 20 salários mínimos. Os evangélicos também se afastam da média mas para baixo, com alta incidência na faixa de renda de 2 a 5 pisos (38.30%) e apenas 4.25% entre aqueles com mais de 20 salários mínimos. Os kardecistas estão no topo dessa pirâmide, com apenas 4.16% ganhando até 2 salários mínimos e concentrando-se nos níveis de mais de 5 SMs (33.33%), mais de 10 (25%) e mais de 20 (29.16%). Os ateus e sem religião concentram-se na faixa dos 2 a 5 SMs e se diluem igualmente entre os demais padrões de renda.

Confirma-se portanto, o que já se havia detectado em relação à escolaridade: são os evangélicos e os sem-religião os mais pobres, com níveis de renda e escolaridade mais baixos.

Quanto à opinião sobre a Igreja ou comunidade religiosa vemos que os **católicos** distinguem sua Igreja como liberal (47.20%), sólida (14.21%), sem proximidade e amizade, mas liberal (14.21%). Para os **kardecistas** a liberalidade é apontada como característica maior (54.16%). Os **protestantes** e **evangélicos** apontam preferencialmente a característica de sua Igreja como sólida e disciplinadora (57.14% e 44.68%, respectivamente). 31.91% dos **evangélicos** acham sua comunidade religiosa liberal e 41.50% dos **kardecistas** acham sua comunidade sólida e disciplinadora. Os **umbandistas** a definem como rígida e autoritária (30%).

Os dados indicam que a juventude faz uma distinção entre fé, religião e igreja. A relação com Deus se dá, à exceção dos evangélicos, prioritariamente de modo individual, através das rezas ou orações feitas em casa. Esse é o caso dos católicos (50.76%), protestantes (57.14%), kardecistas (62.55%) e umbandistas (60%). Os evangélicos são os que mais freqüentam igrejas ou templos (61.70%), seguidos dos católicos (42%), umbandistas (40%) e protestantes (28.57%).

Quando perguntamos sobre o envolvimento em atividades comunitárias movidas pela fé, chama-nos atenção a esmagadora não participação dos protestantes, que beira a 100%. Parece ser esse o grupo religioso em crise, por excelência, já que é de onde há maior fuga das cerimônias da igreja, e mesmo da própria Igreja. Talvez seu elitismo com conseqüente distanciamento do povo os faça perder terreno para os evangélicos e os sem-religião na conquista de adeptos.

Os kardecistas são os mais participativos (45.83%), seguidos dos evangélicos com 44.68%, dos umbandistas com 40% e dos católicos com 17.01%.

A contradição entre a prática e o discurso evidencia-se quando, na questão 12, lhes é perguntado sobre a importância de se praticar religião dentro de uma igreja.

Já sabemos que apenas 211 indivíduos disseram freqüentar a igreja; no entanto, mais de 300 pesquisados disseram achar importante a freqüência. Os evangélicos são os campeões na relação religião-igreja, pois, como constatamos, são aqueles que mais freqüentam a igreja e também são os que em maior porcentagem acham muito importante ou importante a prática religiosa dentro da igreja (91.5%). A diferença entre a "teoria e a prática" é menos acentuada entre o grupo católico pois 42% dizem freqüentar a igreja e 63.45% acham importante freqüentá-la. Vemos aí que a diferença entre aqueles que "dizem" e os que efetivamente "agem" é relativamente pequena.

Totalizados, temos 152 jovens que acham importante ir à igreja, mas não o fazem. Apenas 168, pouco mais da metade do grupo de 320 que tem religião, freqüentam a igreja e mesmo assim com uma freqüência que vai do "de vez em quando" até à assiduidade.

Liberal e democrática parecem ser as características da igreja ideal. Pensam assim 18.27% dos católicos, 14.28% dos protestantes, 12% dos evangélicos, 28.55 dos kardecistas e 30% dos umbandistas. Os jovens são atraídos pela informalidade, descompromisso e desinstitucionalização.

A distinção entre fé e religião fica mais evidenciada quando um total de 81% de jovens responde acreditar que é possível chegar a Deus apenas através da fé.

Quando perguntados sobre a principal função, os evangélicos (72.3%), kardecistas (66.67%) e protestantes (57.14%) compõem um grupo dos que acham que a principal função é "aproximar as pessoas de Deus, cuidar do lado espiritual da vida"; enquanto que umbandistas (40%), católicos (37.22%) e os sem-religião (35.29%) vêem na religião um cunho mais social e político, quando atribuem a ela as funções de "aproximar as pessoas, ajudar ao próximo e promover a justiça". No entanto, quando perguntado sobre o envolvimento político da Igreja, a maioria dos fiéis (57%) acha que ela não deve se envolver; os católicos na razão de 54.56%, os evangélicos na de 70.22%, os kardecistas em 58.33%, os umbandistas em 90% e os sem-religião em 63.75%.

A parcela da juventude que declara que deve haver uma atuação política da Igreja, indica a ação conscientizadora acerca da realidade sócio-política como a principal das ações, mas coloca como segunda alternativa que a Igreja deve manifestar sua posição sobre temas políticos sem ter uma ação efetiva de conscientização.

É importante notar que 51.06% dos evangélicos, 43% dos protestantes, 62.5% dos kardecistas, 70% dos umbandistas, 17.65% dos sem-religião e 46.15% dos ateus, disseram já terem sido católicos. Por outro lado, 29.95% dos católicos afirmam terem participado de outras religiões.

Surpreendeu-nos deparar com um percentual de 29% de kardecistas dizendo que também freqüentam a igreja católica, assim como 8.82% dos sem-religião que freqüentam tanto a igreja protestante quanto a católica. Esse tipo de resposta indica que há um certo desamparo, uma necessidade religiosa e uma busca nesse sentido.

Para entendermos o abandono de uma religião e mesmo traçarmos um perfil das igrejas é necessário entender que esse abandono é assim justificado: 37.50% dos entrevistados alegam **decepção** como causa do abandono; 13.54% alegam ter considerado a religião **sem importância**; 4.80%, a **repressão ou falta de liberdade** da mesma, e 3.5% por influência de familiares e amigos.

2 - Problemas Sociais e Políticos

Os jovens distinguem problema da juventude e problema social. Para eles, drogas e vícios são problemas da juventude, ao passo que miséria, pobreza, corrupção e desemprego são os problemas sociais. Não há distinção religiosa na detecção dos problemas - estes são os problemas do país, do seu povo.

No entanto, há uma defasagem entre essa consciência e a ação solucionadora desses problemas, pois há uma apatia generalizada, um não-fazer, uma descrença em relação à situação, às instituições ou uma falta de motivação, quando 90.66% dos entrevistados não participa de movimentos sociais e comunitários.

Mesmo aquele considerado o principal problema da juventude (drogas e vícios), não a mobiliza para uma ação efetiva de combate. Somente 1 jovem respondeu que militaria contra as drogas. Parece haver uma séria dificuldade em assumir uma prática político-social, fixando-se apenas na afirmação teórica de que "é muito importante participar" (52.83%), sendo estes 51% dos católicos, 42% dos protestantes, 68% dos evangélicos, 40% dos umbandistas, 52% dos sem-religião e 70.83% dos kardecistas. Como atingir esses jovens, atraí-los e motivá-los para a ação?

III - JUVENTUDE E TRABALHO

A existência de 48.7% de jovens que trabalham, dentro do universo pesquisado, pode indicar o final da adolescência como idade de ingresso da juventude urbana brasileira no mercado de trabalho, apesar de não haver para muitos incompatibilidade entre estudo e trabalho.

O não estar trabalhando, apenas estudando, pode ser explicado, entre outras razões, pela conjuntura de crise econômica, ao combinar recessão e desemprego com inflação. Não trabalhar pode ser fruto muito mais da falta de emprego do que da indolência ou não-aptidão para o trabalho, pois para 60% dos jovens pesquisados o trabalho é um valor central.

Do universo dos jovens estudantes/trabalhadores, é significativo que apenas 0,7% se declaram estagiários (por definição, o aprendizado de uma profissão através do sistema educacional), o que contradiz a visão instrumental da educação, como forma de adquirir melhor posição profissional na sociedade.

Outro aspecto a se destacar é a precocidade do ingresso da população jovem no mercado de trabalho. Do total dos jovens trabalhadores pesquisados, 79.8% desenvolvem uma atividade remunerada antes de haver concluído o 2º grau (no universo total pesquisado isso representa 38.83%).

Perguntado como é a relação deles no serviço, os jovens trabalhadores em sua maioria (52,05% = ótima e 33,5% = boa) responderam positivamente, o que pode contradizer a visão corrente do inconformismo da juventude.

Sob o prisma das diferentes religiões, pode-se ressaltar que protestantes, kardecistas e umbandistas apresentam os índices mais elevados de avaliação positiva das relações interpessoais de trabalho. Os primeiros, obviamente, pela alta incidência de padrões e posição de mando na hierarquia ocupacional.

Os ateus apresentam o mais alto índice de reconhecimento do conflito nas relações de trabalho, o que pode ser explicado pela sua postura crítica em relação às instituições.

Quanto à posição dos evangélicos, esta pode ser considerada atípica. Eles consideram, em grande número, ruim a relação de trabalho, alegando falta de respeito e autoritarismo. Sua posição subalterna, despreparo e, principalmente, sua intolerância religiosa podem estar na raiz desse conflito.

Dos jovens que trabalham, apenas 29.11% são sindicalizados, uma taxa baixa, considerando que 72.63% estão empregados nos setores público ou privado. A resposta para isso pode ser encontrada na posição dos jovens quanto ao movimento sindical: na questão 26 (disposição de fazer algo para resolver os problemas sociais), apenas 4.66% dos jovens pesquisados apontam a militância nesse movimento como alternativa, deixando claro o desprestígio do sindicato, que não apresenta ao jovem atrativo ou confiabilidade.

É interessante ressaltar que nesta situação são os evangélicos que estão em primeiro lugar na relação de não sindicalizados. Isto pode comprovar, mais uma vez, que, por se tratar do grupo mais desprotegido social e economicamente, é na religião que vão buscar proteção.

Quanto à posição dos ateus, na sua maioria sindicalizados, vê-se bem o caráter laico, ideológico e político do movimento sindical.

IV - JUVENTUDE E POLÍTICA

O interesse pela política aparece, predominantemente, no universo masculino, e numa relação direta com o nível de escolaridade e renda familiar.

É entre os jovens de curso superior (54 entrevistados) que o interesse pela política aparece com o índice maior (42.59% = muito interesse, 48.14% algum interesse e apenas 9.25% sem interesse), demonstrando a relação grau de instrução/interesse político.

Já a relação renda familiar/interesse político aparece mais pronunciadamente nas faixas de renda de mais de 10 pisos salariais (121 entrevistados) e acima de 20 pisos (90 pesquisados) com os seguintes índices: 23.97% e 28.89% (respectivamente) = muito interesse, e 29.75% e 18.89% (respectivamente) = não interesse por política.

Ao avaliar os segmentos religiosos com relação ao seu interesse por política, chega-se à conclusão de que a maioria dos pesquisados demonstram ter algum interesse pela política (60.49%) com pequenas diferenças por credo: jovens católicos = 61.16%; evangélicos = 59.58%; jovens ateus = 53.8%; sem-religião = 51.96%.

Quanto à escolha dos candidatos em quem votar, os jovens explicitam uma crítica ao caráter obrigatório do voto no Brasil, ao mesmo tempo que indicam uma definição bastante criteriosa da opção de voto. 43.66% escolhem seus candidatos por *identificação de idéias* e 17.83% por confiança no candidato, contra mais ou menos 10% de respostas nas alternativas que indicam clientelismo ou ausência de autonomia política. Isto não significa, entretanto, participação

política, pois somente 5.33% votam por identificação partidária, sintoma claro do descrédito, junto à juventude, das formas institucionalizadas de fazer política.

Essa rejeição aos canais tradicionais da política pode ter sido enfatizada pelo momento político vivido pelo país, ou seja, o momento do processo de cassação do Presidente da República, que popularizou, com relativo grau de depreciação, a atividade política.

O PT é o partido com maior índice de aceitação pelos jovens de Belo Horizonte (23,83%), atingindo todas as faixas de sexo, renda e escolaridade. O PMDB vem em 2º lugar, com apenas 4.16% e o PSDB, maior pregador do parlamentarismo - preferido pelos jovens, questão 46 - aparece em 3º lugar, com 2.5%.

O cruzamento da preferência partidária com a variável *escolaridade* confirma a análise anterior no que se refere à influência desta no exercício da política e que os graus intermediários de formação escolar - ginásial e colegial - têm um desempenho tal que os distancia da média verificada na população pesquisada, apontando maior predisposição à identificação partidária. Entretanto, naquelas faixas de escolaridade opostas, ou seja, os analfabetos e de curso primário de um lado, e os de curso superior de outro, os percentuais assemelham-se entre si e com a média da população.

Uma explicação para esta situação poderá ser encontrada em duas ordens distintas de fatores: nas faixas menos favorecidas a desconfiança política está ligada, de um lado, à sua exposição às práticas de clientelismo, promessas eleitorais não cumpridas, e, de outro, às contingências de ordem econômica e acesso limitado ao exercício da cidadania. Quanto aos de formação superior, o acesso à informação política tem revelado os vícios e a fragilidade dessa atividade assim como sua incapacidade para resolver os graves problemas nacionais, empurrando parcelas significativas desse setor para a negação da atividade política, ou a busca de alternativas junto à sociedade civil.

Quanto aos segmentos religiosos e sua escolha partidária, não houve indicação de preferência, a não ser entre os Kardecistas, que em sua maioria (60%) demonstram sua preferência. É importante registrar que o partido de maior inserção junto aos jovens pesquisados, independente do credo religioso, foi o PT.

A fragilidade da instituição partidária no meio da juventude é confirmada na questão 42, quando somente 1/3 dos entrevistados responderam que são filiados/militantes no partido de sua preferência.

Quanto à posição política adotada pelos jovens, a esquerda, com 36.63%, tem o maior índice entre os que se relacionam em com a política, seguida de perto pelo centro, com 29.7%.

Tendo sido perguntados sobre sua posição com relação à democracia, aqueles que com graus variados consideram importante alguma atuação no

campo da política (perfazendo 489 entrevistados, ou 81.48% do total), responderam da seguinte forma:

(1) "É o melhor regime político, pois dá liberdade à pessoa" - 46% do total, ou 56.46% dos que relevam de alguma forma a prática política.

(2) "Em países com problemas, como o Brasil, é preciso um governo autoritário" - 33.66% do total ou 41.31% dos que valorizam a prática política.

(3) *Não sabem* - 1.66% do total ou 2.04% dos que se interessam de alguma forma por política.

Nota-se que apenas 15,15 pontos percentuais separam a juventude considerada democrática daquela que aponta uma saída autoritária para os problemas nacionais.

Essa tendência autoritária parece ter adesão maior das mulheres. Enquanto 49.83% dos homens consideram que a democracia é sempre o melhor regime, 42.35% das mulheres deram a mesma resposta. Em contrapartida, para 30.36% de homens que escolheram a alternativa do autoritarismo, encontramos 36.81% de mulheres com a mesma opinião.

Diferenças consideráveis encontramos, também, ao ligarmos democracia e grau de escolaridade. A idéia de democracia como forma de salvaguardar os direitos do indivíduo cresce expressivamente à medida que os pesquisados se inserem em graus superiores de formação escolar, sendo que nas faixas de escolaridade elementares, a simpatia é pelas soluções autoritárias.

O papel positivo da educação universitária na formação da consciência democrática e da cidadania junto à população é aqui confirmado.

Com qual pensamento político-partidário você mais se identifica? É interessante notar que, dos 600 jovens entrevistados, 215 não se posicionaram diante desta questão.

Dentre os que responderam, 335, o pensamento *social democrático* reuniu o maior número de adeptos (22.83% do total, ou 35.58% dos que responderam a questão). Em seguida, na preferência dos jovens pesquisados, aparece o liberalismo (18.50% do total, ou 28.83% dos que responderam). A terceira posição foi ocupada pelo socialismo (17% do total ou 26.49% dos que responderam). Por fim apareceram o comunismo e o nazismo. Este quadro confirma a tendência de centro-esquerda da juventude, e a sua rejeição significativa das posições extremistas, tanto de direita quanto de esquerda.

Quanto à escolha do melhor sistema de governo para o Brasil, a preferência caiu sobre o parlamentarismo (33.50% contra 23.33% do presidencialismo). É preciso, entretanto, assinalar o grande número dos que não souberam a resposta (22% do total).

Quanto à questão da pena de morte é de se notar que é expressivo o número de partidários da mesma, sem diferença entre sexo, escolaridade e renda

familiar, o que vem mais uma vez evidenciar o caráter conservador da juventude.

Ao responder sobre o maior preconceito existente em seu meio, 91.33% dos entrevistados apontou três predominantes: étnico-racial - 40%; sócio-econômico - 39.83%; sexual - 11.5%. Apenas 0.33% indicou o religioso.

V - JUVENTUDE E EDUCAÇÃO

Sobre a importância da educação na sua vida, a maioria dos jovens respondeu "muito importante pois capacita as pessoas para enfrentar a vida" (47.66%) e "muito importante porque capacita as pessoas para uma profissão no futuro" (40.16%). O restante (com a exceção de 1 que não respondeu e 1 que não sabe) ficou entre os que acham que "não é importante" (1.66%) e os que consideram a educação "importante, mas não fundamental" (8.66%).

Podemos dizer, portanto, que a juventude pesquisada oscila entre duas tendências básicas e não complementares: considerar a educação como elemento formador da personalidade e vê-la enquanto instrumento para obtenção de algo (no caso, uma profissão) de valor superior, havendo uma ligeira vantagem para a primeira visão.

Fazendo a comparação entre as respostas por sexo, podemos dizer que o valor trabalho tem um peso menor no universo feminino. Isto se depreende de uma análise dos percentuais: mais da metade (50.16%) das mulheres concebem a educação como capacitação para a vida, enquanto apenas 39.41% destas aderiram à visão instrumentalizada. Estes percentuais são mais equilibrados junto à população masculina, na qual 45.05% optou pela concepção formadora da personalidade *versus* 40.96% pela instrumental.

Dos jovens pesquisados 48.33% não estudam, para 51.6% que frequentam algum tipo de escola. Considerando-se que o universo pesquisado é formado por jovens em idade escolar (16 a 24 anos) fica claro que quase a metade destes abandonou o estudo antes de concluir sua formação escolar, já que a universidade representa, teoricamente, a conclusão do ciclo escolar e a entrada no campo profissional.

Essa evasão escolar decresce nas faixas de renda mais altas e aumenta assustadoramente nas faixas de menor renda familiar, o que equivale a dizer que um dos principais obstáculos ao acesso da juventude à escola deriva do baixo poder aquisitivo da população em geral.

Isto pode ser comprovado pelo seguinte resultado: na parcela da juventude que percebe renda familiar de até 2 PS (65 jovens), verifica-se que 72.31% de seu universo não estuda, para 27.69% que estuda. Em contrapartida, daqueles que pertencem à faixa privilegiada economicamente, ou seja, dos que percebem mais de 20 PS (90) de renda familiar, 77.78% estudam, contra apenas 22.22% que não estudam.

Ao confrontarmos as variáveis estudo e trabalho, chegamos aos seguintes dados:

- a) dos jovens que estudam (310), 40% trabalham, para 60% que não trabalham;
- b) dos que não estudam (290), 57.93% trabalham, para 42.07% que não o fazem.

Podemos perceber que o trabalho é um fator de evasão escolar, pois apenas 40% (124) dos jovens trabalhadores conseguem compatibilizar estudo e trabalho.

Um dado significativo nos chama a atenção: 20.33% dos jovens pesquisados não estudam, nem trabalham. Transferindo este índice para a população da *RMBH*, teríamos em torno de 160 mil jovens entre 16 a 24 anos nesta situação.

Tendo-lhes sido perguntado sobre as razões porque não estudam, os 290 jovens nessa situação apontam em duas direções: razões externas à sua vontade (65.52%), sobretudo por necessidade de trabalhar (49.31%) e razões derivadas de sua vontade (23.44%).

O comportamento dos diferentes segmentos de renda frente às razões explicativas para o não estudar apresenta as seguintes características:

- a) O segmento que percebe renda familiar entre 10 a 20 PS apresentou o maior percentual para as alternativas que independem de sua vontade, sendo que a necessidade de trabalhar (59.57%) foi a mais alta.
- b) Os que integram o segmento de menor renda (até 2 PS) indicaram o menor percentual relativo para as razões externas à vontade explicativas do não estudar (61.71%), sendo que, destes, 38.3% apontaram a necessidade de trabalhar como impeditivo do estudo.
- c) Os setores de renda familiar de 2 a 5, 5 a 10 e mais de 20 PS, assemelham-se ao apresentarem os percentuais de 72.07%, 66.16% e 70% para as razões de ordem externa, sendo que o trabalho como impedimento do estudo contribuiu com 57.66%, 46.15% e 15% respectivamente.

Dos 310 jovens que estudam (51.67% do total), quase 60% estudam em estabelecimentos públicos e 40.97% em escolas particulares, sendo que destes últimos 25.98% em instituições de ensino religiosas e 74.02% em escolas laicas.

O critério de escolha do estabelecimento de ensino evidencia-se através do cruzamento dessa questão com a variável renda familiar.

No que diz respeito ao custeio dos estudos, o fundamental é que para mais de 60% (62.95%) dos jovens estudantes, os seus estudos são mantidos por seus responsáveis, sendo que 25% custeiam seus próprios estudos. Este resulta-

do seria esperado, já que, daqueles que estudam, como vimos anteriormente, apenas 40% trabalham.

É interessante registrar que, apesar da crescente independência da mulher na sociedade atual, os resultados mostram que, enquanto 72.67% das mulheres que estudam têm essa atividade custeada por seus responsáveis, os homens na mesma situação perfazem 53.55% dos que estudam. É bastante distante o percentual das mulheres que custeiam seu próprio estudo (19.33%) em relação com o dos homens em igual situação (32.26%).

A questão de quem arca com o ônus financeiro da educação dos jovens, vista sob o ângulo dos diferentes estratos de renda, demonstra que, à medida em que se eleva a renda, aumenta também o compromisso financeiro dos responsáveis em relação ao custeio desse ensino.

No segmento que percebe até 2 PS, os responsáveis pelo estudante participam com 44.44%, os próprios alunos com 33.33% e o governo com 16.67%. Sobre a participação do governo no custeio dos estudos, vemos que esta cai em quase 10 pontos percentuais a partir da faixa de 5 a 10 PS, chegando a zero na que percebe mais de 20 PS.

Na questão sobre participação em alguma entidade estudantil, as respostas deixaram bem claro que estas não atraem os jovens. Do total de 307 jovens que estudam, 91.66% (282) não participam de nada. As entidades de nível secundário (1ª e 2ª graus) ainda exercem alguma atração, mas as demais (DCE, DAs, UNE etc.) de nível superior, somadas, não totalizam sequer 2% de participação.

Em matéria de formação religiosa, dos jovens que estudam, 51.31% não adquirem esta formação através dos estabelecimentos de ensino que frequentam. Dos que têm acesso ao ensino religioso via escola (48.69%), a maioria absoluta destes (89.93) obtiveram-no através das aulas de religião.

A maioria absoluta dos jovens que estudam considerou importante, de alguma maneira, o ensino religioso nas escolas, para 39.41% que não o julgou importante.

É interessante destacar que 18.89% considerou relevante este ensino apenas nas instituições de caráter religioso, mas frisando que não deve ser obrigatório. Já 40.72% considerou o ensino religioso fundamental, pois a escola deve se ocupar da formação integral das pessoas.

Entre os segmentos religiosos foram os kardecistas e os evangélicos os maiores defensores do ensino religioso nas escolas. Os jovens protestantes foram os que deram menor importância e os católicos, em sua maioria (61.83%), defenderam o ensino da religião via escola.

VI - CULTURA E LAZER

A juventude pesquisada apresenta três concepções básicas acerca da cultura:

(1) Cultura vinculada à nação ou povo ⇒ 39.50%.

(2) Cultura enquanto erudição ⇒ 31.66%.

(3) Cultura circunscrita à esfera das artes ⇒ 19%.

O interesse dessa juventude por atividades culturais concentra-se naquelas tradicionais: música, dança, teatro e cinema (76% da preferência), mas sua participação nas mesmas dá-se de forma passiva. As atividades que implicam numa participação ativa (artesanato, intelectuais, esportiva) obtiveram 20% de adesão.

Os dados comprovam que a expressiva maioria dos jovens são apenas consumidores de cultura (81.50%), pois os que têm envolvimento ativo não chegam a 20% dos pesquisados (17.32%).

Tendo sido perguntado aos jovens o que entendem por ecologia, duas concepções emergem: a) preservação do meio ambiente natural (23.83%) e b) preservação do meio ambiente global, incluindo o meio urbano e voltada para a melhoria da qualidade de vida (74.50%).

É interessante registrar o alto grau de consciência ecológica dos jovens pesquisados, pois os dados apontam que apenas 1.50% responderam *não sabe* à questão.

DROGAS

A maioria absoluta dos jovens pesquisados posiciona-se contrariamente ao uso da maconha (62.83%) enquanto que 37.16% disseram não ter nada contra. Entretanto, há diferentes óticas acerca desta primeira opinião:

a) O universo dos que se posicionam contrários ao consumo da maconha pelos jovens subdivide-se entre aqueles que, mesmo achando-o prejudicial, se relacionam (ou se relacionaram) com pessoas que fazem uso dessa droga (57.03%), e aqueles que evitam contatos com tais pessoas (42.97%).

b) Semelhantemente, subdivide-se o universo dos que aceitam o consumo da maconha - 66.37% aceitam o consumo e se dão bem com as pessoas que fazem uso e 33.63% evitam essas pessoas.

Homens e mulheres têm posições bastante diferentes acerca do consumo da maconha pelos jovens: 52.56% dos homens manifestam-se contra, para 72.63% de mulheres com a mesma opinião. Há 20% a mais de homens em relação às mulheres que não demonstrou ser contrário ao uso da maconha.

Do cruzamento do nível de escolaridade com a opinião sobre o consumo de maconha pelos jovens, três grupos distintos podem ser formados:

a) ANALFABETOS - unânimes em reprovarem o uso da maconha (100%).

b) COLEGIAIS E DE FORMAÇÃO PRIMÁRIA - 60% contrário, 35% favorável.

c) GINASIANOS E UNIVERSITÁRIOS - os que rejeitam são menos de 60% e os que aceitam-no enquanto decisão individual superam 40%.

Sobre o consumo de cocaína vemos que a maioria expressiva (72%) é contrária, e os outros 27.83% disseram não ter nada contra.

Com relação à permissividade *versus* discriminação a este tipo de droga, verifica-se que:

a) 315 jovens (52.50%) do total indicaram relacionar-se com quem consome cocaína, sendo que, destes, 32.06% foram coerentes com sua posição de nada contra.

b) 284 jovens (47.33% do total) disseram evitar pessoas com essa prática.

A comparação entre o universo masculino e o feminino indicou que as mulheres superam em mais de 15 pontos percentuais a condenação do uso de cocaína em relação aos homens. Das pessoas que não evitam relacionar-se com consumidores de cocaína, 166 são homens (56.66% deste universo) e 149 (48.53%) são mulheres.

As mulheres continuam mantendo uma posição discriminatória com relação aos usuários de drogas ao responderem, em sua maioria, que evitam o contato com essas pessoas (158 ou 51.47% do universo feminino).

Quanto ao consumo de cigarros e bebidas alcoólicas, dos jovens pesquisados 62% (372 jovens) disseram não ter nada contra.

Novamente, os homens superam as mulheres na aceitação do consumo destas drogas, pois 195 homens (66.55% do universo masculino) assim se posicionaram, para 177 mulheres que o fizeram (57.65% do universo feminino).

São variados os níveis de rejeição ou de aceitação do consumo das drogas pesquisadas, conforme o quadro abaixo:

| DROGA | REJEIÇÃO | ACEITAÇÃO |
|----------------------|----------|-----------|
| MACONHA | 62.83% | 37.17% |
| COCAÍNA | 72% | 27.83% |
| CIGARRO/BEBIDAS ALC. | 37.83% | 62% |

VII - AFETIVIDADE E SEXUALIDADE

Os jovens pesquisados dividiram-se em dois grupos:

(1) Os que têm ou tiveram relação de casamento (institucionalizado ou não) - 13.33%.

(2) Os solteiros - 86.50%.

Quer dizer, 15% da juventude da RMBH casa-se antes de completar 25 anos, e apenas 0.33% desfaz esse laço nesse período de vida.

A maior parte dos jovens reside com a família original (85%) enquanto que os 14.66% restantes já saíram de casa. Destes últimos, 9.09% moram sozinhos, 13.64% moram com amigos, 71.59 com esposa/marido/companheiro(a) e 5.68% no emprego. O casamento, como se vê, é ainda o principal motivo para desligamento da família. As conclusões são que:

(1) O número de mulheres que saiu da casa dos pais é 80% superior aos homens.

(2) A principal razão para sair da casa dos pais é o casamento. Tanto para homens quanto para mulheres.

(3) Há mais homens morando sozinhos do que mulheres; mais mulheres morando com amigos do que homens; não há homens morando no emprego - conclu-se que as mulheres que aí residem são empregadas domésticas.

Os jovens que saíram da casa dos pais por motivos outros que não o casamento, fizeram-no em função da família morar em outra cidade (60%), para manter a independência (27%), ou por terem problemas com a família (7%). Estes são em menor número, quando detectamos que 90% dos jovens moram com a família. É esse mesmo percentual que, na questão 86 (relacionamento com a família), não identificou conflitos em suas relações familiares.

Aqueles que consideram conflituosas suas relações familiares são 63.33% de mulheres e 36.67% de homens. Quando perguntamos sobre a origem do conflito, apontaram como principal razão a **desconfiança**. Talvez isso explique o número elevado de mulheres que detectaram esse obstáculo em sua vida familiar, isto é, a **desconfiança** vinculada ao sexo/sexualidade.

Verificada a relação entre renda e relação familiares, pudemos confirmar o que havíamos dito:

(1) Até 2 salários mínimos há 10.88% de relações conflituosas.

(2) De 2 a 5 SMs há 13.29%.

(3) de 5 a 10 SMs há 11.25%.

(4) De 10 a 20 SMs há 6.62%.

(5) Mais de 30 SMs há 5.56%.

Parece confirmado o papel desagregador que as carências materiais exercem nas parcelas da juventude oriundas de setores com até 10 SMs.

Quanto às relações com vizinhos, verificamos que são, em geral, mais conflituosas do que as relações familiares. Dos que responderam haver aí con-

flito (11.16%), 47.76% são homens e 52.24% são mulheres. Novamente neste caso são elas a viverem o conflito - as mulheres têm maior dificuldade de relacionamento do que os homens.

Na maioria das faixas de escolaridade as relações com vizinhos foram qualificadas como boas e amigas, exceto junto aos analfabetos (onde o percentual se elevou para 66.67% em relação aos 55% dos demais níveis).

Em sua relação com os idosos, 98.33% dos jovens dizem ter respeito. Mas, no meio desses mesmos jovens, há 13.56% que relatam não ter paciência com os mais velhos.

Cruzada a variável sexo, pudemos observar que, no relacionamento com os idosos, as mulheres admiram mais a experiência acumulada por eles, são mais pacientes e rejeitam menos a convivência com a velhice. Também em relação à faixa etária, notamos que o respeito, a admiração e a paciência crescem com a idade, o que demonstra que quanto mais amadurecido, mais capacitação para relacionar-se com o *diferente* (velho). Esse percentual também é maior entre os universitários.

De modo geral, podemos afirmar que a juventude não comunga a visão instrumental, corrente sobre a velhice, desta ser um fardo para a família e a sociedade, já que seu potencial produtivo decaiu.

Os jovens (95%) demonstram um alto grau de sociabilidade e distinguem também entre conhecidos e amigos, mesmo os vários tipos de amizade. No entanto, é significativo o percentual de 4% de jovens que se dizem solitários, numa faixa etária propícia ao estabelecimento de amizades ou relações sociais, seja no ambiente de estudo ou trabalho, seja pela maior disponibilidade de enfrentar o novo.

À medida que aumenta a faixa etária, mais seletivos ficam os jovens na avaliação da qualidade das relações sociais e de amizade que se estabelecem. Há uma certa tendência ao recolhimento quando a juventude atinge a faixa de idade de emancipação formal (21 anos), talvez acentuada pelas novas decisões que tem de tomar em relação à escolha da profissão, sobrevivência, estabelecimento de vínculos amorosos mais definitivos, numa conjuntura econômica e ético-moral adversas.

Como já havíamos visto nas questões anteriores a respeito do relacionamento com a família e com vizinhos, as mulheres são as que dizem, em maioria (54.72%) terem muitos conhecidos, mas poucos amigos verdadeiros. Parecem ser elas mais seletivas em sua concepção de amizade, pois uma menor parcela do universo feminino (13.36%), em relação ao masculino (19.45%), selecionou a opção "muitos amigos íntimos".

Na questão sobre sexualidade, quando foi perguntado sobre o fato de estar ou não namorando, verificou-se que as mulheres que estavam namorando (55.70%) superaram as que não estavam (43.97%). Já quanto aos homens, os percentuais foram de 59.04% para os que namoravam e de 40.61% para os que

não. Dentre os jovens que disseram não estar namorando, os homens em 46.85%, e as mulheres 53.15%. Os dados comprovam a afirmação de que BH é uma cidade repleta de mulheres desacompanhadas.

A faixa etária onde se concentram os namorados é aquela dos 19 a 21 anos (36.63%), seguida dos jovens de 22 a 24 anos (34.59%) e dos 16 a 18 anos (28.78%).

A grande maioria dos pesquisados respondeu que sua relação estava destituída de conflito (82.56%) contra apenas 17.15% que reconheceram a existência de conflitos nas relações amorosas. Não há diferenças significativas de cada sexo em relação à avaliação do relacionamento afetivo que mantêm.

Tendo lhes sido perguntado sobre o nível de intimidade dos relacionamentos, 90.70% dos jovens responderam estabelecer um clima envolvente de muita intimidade afetiva, sendo que, destes, 53.21% se relacionavam sexualmente. Distribuídos pelas faixas etárias temos que:

(1) Na faixa de 16 a 18 anos, 31.63% indicaram haver grande intimidade afetiva e sexual, 55.10% apenas intimidade afetiva e 13.27% não haver intimidade.

(2) Na faixa de 19 a 21 anos, temos 34.34%, 47.24% e 7.87%, respectivamente.

(3) Na faixa de 22 a 24 anos, temos 65.55%, 26.90% e 7.56%, respectivamente.

Há uma diferença quantitativa de quase 10 pontos entre o percentual de homens que indicaram envolvimento sexual (53.18%) e o de mulheres (43.27%), o que permite deduzir que o aspecto sexual do relacionamento adquire relevo maior para homens do que para mulheres, e que os primeiros são os agentes ativos que imprimem este caráter à relação.

Curioso é que, quando perguntado com quem conversam sobre afetividade e sexualidade (questão 93), o parceiro amoroso, interlocutor por excelência, não se situa nesse lugar para a quase totalidade dos pesquisados, isto é, viver o amor é distinto de refletir sobre ele, já que o interlocutor preferido é o amigo para a maioria dos pesquisados (52.50%). 27.16% têm relações familiares qualitativas e baseadas em grande confiança, pois escolheram como confidentes membros da família. Mas é significativo que 12.33% dos jovens não tenham interlocutores, denotando sua solidão.

Entre os que escolhem familiares como confidentes temos 34.52% de mulheres contra 19.04% de homens. O agente preferencial do homem é o amigo, numa proporção de 15 pontos percentuais superior às mulheres. As mulheres escolhem mais o parceiro para confidente do que os homens, e há equilíbrio entre homens e mulheres em relação à solidão ou ausência de interlocutor.

O segmento religioso que indicou o maior percentual para os familiares enquanto interlocutores de suas intimidades foi o dos protestantes (42.86%), se-

guidos dos católicos (30.71%) e ateus (7.69%). A escolha dos amigos como confidentes teve o seguinte resultado: umbandistas - 70%, evangélicos - 44.68%, protestantes - 42.86%, kardecistas - 37.50%. Na alternativa "ninguém", encontramos: sem-religião - 15.69%, ateus - 15.38%, protestantes - 14.29%, evangélicos - 12.77%, kardecistas - 12.50% e católicos - 11.68%, sendo que os umbandistas não optaram por esta alternativa. Na opção pelo parceiro como interlocutor temos: 8.34% de kardecistas, 7.69% de ateus, 4.90% dos sem-religião, 4.26% de evangélicos, 1.52% de católicos, sendo que protestantes e umbandistas não escolheram esta opção.

Quanto à relação homem/mulher (questão 94) a maioria absoluta considerou-a positiva e atribuiu essa situação à mudança de atitude dos homens que estariam menos autoritários ou ao avanço da igualdade.

No universo feminino, 33.33% responsabilizaram as próprias mulheres pela piora da relação, por estarem elas próprias muito competitivas e não reconhecerem mais seu lugar - não aceitando os novos papéis assumidos pelas mulheres. 20.16% atribuíram ao machismo e autoritarismo masculinos a causa do conflito, e 12.40% também responsabilizaram os homens, mas por motivos opostos, isto é, por estarem muito *moles e efeminados*.

No universo masculino, 47.92% responsabilizaram as mulheres pela piora do relacionamento, por estarem mais competitivas. 34.38% não determinaram as causas, 9.38% indicaram o machismo e autoritarismo como causadores, e 8.33% relacionaram tal deterioração ao caráter *mole e efeminado* de alguns homens.

94.32% dos jovens entrevistados avaliaram como importante a sexualidade em suas vidas, sendo que, destes, 66.66% subordinou-a ao amor e carinho.

Os homens parecem ser mais permissivos quanto ao sexo, pois 16.04% deles considerou-o como valor absoluto, independente de outros fatores, contra 6,51% de mulheres. A exigência de fidelidade no relacionamento sexual está mais presente entre as mulheres (19.22%) do que entre os homens (13.65%). Dos que deram pouca importância ao sexo predominam as mulheres (6.84%) contra 2.05% dos homens, concluindo que as mulheres estão mais expostas à repressão de sua sexualidade do que os homens.

A interligação entre sexo, amor e carinho, está mais presente entre os ginasianos (69.37%) e foi aí encontrado também o maior percentual de exigência de fidelidade (19.37%). Os universitários deram menos peso à exigência de fidelidade (9.25%) e peso maior à atividade sexual como tendo lugar central em suas vidas (20.37%).

O valor da castidade/virgindade em relação ao casamento foi avaliado da seguinte maneira:

- (1) 64% não consideraram importante preservá-la.
- (2) 36% julgaram importante fazê-lo.

Destes últimos, 44.77% julgaram importante a preservação para ambos os sexos, 52.31% consideraram importante apenas para as mulheres, e 0.93% acharam-no apenas para os homens.

Mais mulheres (40.06%) do que homens (31.74%) consideraram importante preservar a virgindade/castidade antes do casamento. Os homens assumiram postura mais liberada do que as mulheres neste aspecto, até porque dos homens que valorizaram a manutenção da castidade, 50.54% acharam-no importante para ambos os sexos, contra 43.90% das mulheres que assim o fizeram. Os homens discriminam menos as mulheres do que elas próprias.

Mas ateus e umbandistas são os mais discriminatórios, pois em 100% dos que advogaram a preservação da virgindade/castidade antes do casamento, disseram ser este um requisito para as mulheres, somente. O segmento dos evangélicos aparece como o mais igualitário, porque 75.76% disseram ser importante para os dois sexos (apenas 24.24% segregaram as mulheres). Os kardecistas dividiram-se entre 50% para os dois sexos e o mesmo percentual apenas para as mulheres. Os protestantes também são bastante discriminadores, pois 66.67% julgaram ser este requisito exigível das mulheres, e 33.33% para ambos os sexos. Os católicos e sem-religião julgaram importante, em 42.64% e 47.22%, para ambos sexos.

Quando foi perguntado sobre sua postura quanto às relações homossexuais, os jovens assim se manifestaram:

61.33% dos entrevistados são contrários a esse tipo de relacionamento e 38.50% não colocaram obstáculos. Neste último grupo, 17.75% disseram ser "a favor", entendendo esta relação com uma dentre outras formas de amor, e 82.25% disseram não ter nada contra, sendo a isso indiferente.

Dentre aqueles que discordaram do homossexualismo temos: 59.78% de jovens que discordaram mas não discriminaram e 40.22% daqueles que, além de discordar, também discriminaram os homossexuais.

Divididos por sexo, notamos que tanto homens quanto mulheres, no percentual em torno de 38%, disseram não rejeitar o homossexualismo e, por volta de 61%, manifestaram discordância dessa opção. Mas o universo masculino mostra-se mais preconceituoso, pois menos de 20% das mulheres reconheceram discriminar homossexuais, para mais de 30% de homens que afirmaram fazê-lo.

Quando relacionados ao segmento religioso, vemos que a postura em relação ao homossexualismo assim se apresenta:

(1) Os maiores índices de reprovação estão entre os ateus (69.23%) e evangélicos (68.08%). Num segundo bloco há os sem-religião (64.70%), católicos (60.15%), umbandistas (60%), protestantes (57.15%) e kardecistas (50%).

(2) Os segmentos que mais discriminam os homossexuais são os sem-religião (32.35%) e evangélicos (31.91%), seguidos dos católicos (23.60%), umbandistas (20%), ateus (15.28%), protestantes (14.29%) e kardecistas (8.32%).

Assim, verificamos que ateus e evangélicos são os grupos mais resistentes ao homossexualismo, sendo que estes últimos, além de não concordarem com tal prática, também discriminam as pessoas que por ela optarem.

O casamento ainda parece ser uma instituição importante para os jovens, enquanto que 46% deles consideram-no fundamental, apenas 2% posicionaram-se contra o casamento, 20% consideraram-no não importante e 32% como forma de realização pessoal dentre outras. 48.81% de homens, contra 43.32% de mulheres, consideraram como de fundamental importância. Menos mulheres (1.95%) do que homens (2.05%) disseram ser contra o casamento. Mais mulheres (34.20%) do que homens (29.69%) subordinaram-no aos demais projetos de realização pessoal. E a alternativa "não é muito importante" contou com a adesão equilibrada de ambos os sexos (19.45% de homens e 20.52% de mulheres). O casamento aparece como instituição central em parcela superior no universo masculino do que o feminino.

Tendo sido perguntado sobre o desejo de ter filhos, a maioria absoluta dos jovens (88.49%) respondeu ter esse desejo, indicando como 2 o número ideal de filhos. Confirma a tendência à queda da taxa de natalidade nos centros urbanos brasileiros.

As fontes fundamentais de informação sobre sexo são, pela ordem, os meios de comunicação (33.66%), os amigos (28.66%), a família (20.67%) e amigos e familiares (9.17%). Também aqui não é o esposo ou companheiro a fonte de informação sobre sexo da mesma forma que não são os interlocutores privilegiados para questões relativos à sexualidade.

Quase 70% dos jovens disseram não seguir orientações da Igreja sobre sexualidade. Dos 28.82% que ouvem a Igreja nessas questões há mais mulheres (33.56%) do que homens (23.89%).

Evidentemente os ateus e sem-religião afirmaram não orientar seu comportamento sexual por normas religiosas. O grupo dos protestantes foi aquele que em maior peso quantitativo afirmou não seguir orientações religiosas sobre essa questão (85.71%), seguidos dos kardecistas (70.83%), católicos (63.94%), umbandistas (60%), ao passo que os evangélicos, em 57.45%, afirmaram seguir tais orientações.

As justificativas para essa atitude predominante são, em 29.38%, acharem que essa é uma "questão pessoal", 12.35% por acharem as idéias da Igreja ultrapassadas, 10.62% por haver "autoritarismo na Igreja", 9.14% por frequentar pouco a Igreja, 6.67% por "omissão da Igreja". No universo dos católicos, 54.45% têm críticas à Igreja, 27.39% acham não ser esse tema pertinente à Igreja, e 7.92%, por estarem afastados da Igreja, não sabem o que ela diz sobre a questão. Entre os protestantes, 71.44% têm críticas à Igreja e 14.28% não acham o tema pertinente à Igreja. Nos evangélicos temos 33.33% na 1ª opção e 41.67% na 2ª; dos kardecistas, 47.37% ficaram com a 1ª e 42.11% na 2ª opção; entre os umbandistas são 57.15% na 1ª e 42.86% na 2ª, sem-religião; 43.60% na 1ª e 33.33% na 2ª. Os ateus ficam 100% na 2ª opção.

Vemos que os ateus e protestantes são os que mais criticam as posições religiosas acerca da sexualidade, seguidos dos católicos e umbandistas. Os menos críticos são os evangélicos.

Expressiva maioria dos jovens (73.49%) considerou a masturbação como forma normal de satisfação sexual, não exercendo restrições a ela. Já 23.48% são contrários a ela por considerarem-na forma pervertida de obter satisfação sexual ou por ser insatisfatória. Nesse tema, mais homens (76.79%) consideram a masturbação como forma normal de amor contra 70.03% das mulheres. Mais mulheres (11.40%) consideram-na um desvio (contra 8.19% de homens) e também mais mulheres do que homens consideram-na insatisfatória.

89.33% dos entrevistados diz ser a favor do uso de preservativos, sendo que os contrários foram apenas 9.32%. 70.32% informaram o uso freqüente para prevenir doenças e gravidez, e 19% não faz uso freqüente. Dos contrários, em relação ao universo total dos jovens pesquisados, 3.66% são contra métodos contraceptivos e 5.66% disseram que diminui a satisfação sexual. 90.23% de mulheres é favorável ao uso de preservativos, contra 88.40% de homens. 71.99% de mulheres disseram usar sempre contra 68.60% dos homens. Os homens contrários ao uso de preservativo são 11.26% e as mulheres 8.14%. 3.58% de mulheres e 3.75% de homens são contra métodos contraceptivos. As mulheres parecem ser mais cuidadosas e conscientes do que os homens nesse aspecto.

Em relação à contracepção, os jovens se manifestam da seguinte maneira:

- (1) 88% são favoráveis e 9.66% contrários.
- (2) 43.33% fazem uso permanente de métodos contraceptivos, 21.33% fazem uso eventual e 23.33% não os utilizam por não terem vida sexual ativa.

As mulheres confirmam ser mais conscienciosas do que os homens em relação a essa questão, porque:

- (1) 90.88% delas concordam com o uso de métodos anticoncepcionais para apenas 7.40% contrárias.

- (2) Dentre os homens, 44.37% fazem uso permanente e exigem que a parceira use, 21.50% apenas eventualmente e 19.11% acham válido, mas não têm vida sexual ativa.

- (3) Dentre as mulheres favoráveis, 42.35% fazem uso permanente, 21.17% eventualmente e 27.36% não têm vida sexual ativa.

Dos contrários à contracepção, 10.78% são sem-religião, 10.64% são evangélicos, 9.64% católicos, 4.17% kardecistas.

Quanto ao aborto, os jovens assim se posicionaram:

- (1) 11.16% são favoráveis por achar que a mulher tem direito de decidir sobre seu corpo e sua vida.

- (2) 42.66% são favoráveis em casos especiais, isto é, risco de vida e estupro.

(3) 36.33% são contrários: 29.50% por ser crime e 6.83% por motivos éticos e morais.

(4) 9.66% disseram ser uma decisão do casal.

No universo masculino e feminino temos:

(1) 13.31% de homens e 9.12% de mulheres são favoráveis por entender ser um direito da mulher decidir sobre seu corpo e sua vida.

(2) 46.58% de mulheres e 38.57% de homens são favoráveis em casos especiais.

(3) 38.11% de mulheres e 34.47% de homens são contrários.

Os favoráveis à legalização do aborto são 23.08% dos ateus, 20% dos umbandistas, 13.73% dos sem-religião, 12.50% dos kardecistas, 11.17% dos católicos e 4.26% dos evangélicos, sem adesão dos protestantes.

Os que acham ser uma decisão exclusiva do casal são 15.38% dos ateus, 14.29% dos protestantes, 10.66% dos católicos, 9.80% dos sem-religião, 4.26% dos evangélicos, 4.17% dos kardecistas, sem adesão dos umbandistas.

Os que aceitam o aborto em casos especiais são 71.43% dos protestantes, 50% dos umbandistas, 43.15% dos católicos, 41.67% dos kardecistas, 38.46% dos ateus, 38.30% dos evangélicos e 38.24% dos sem-religião.

Os que são contrários por questões éticas e morais são 15.38% dos ateus, 7.84% dos sem-religião, 7.61% dos católicos e 4.17% dos kardecistas.

Aqueles que são contrários por considerá-lo crime são 53.19% dos evangélicos, 33.33% dos kardecistas, 30.39% dos sem-religião, 30% dos umbandistas, 27.16% dos católicos, 14.29% dos protestantes e 7.69% dos ateus.

Apenas 34.5% dos jovens pesquisados souberam definir *AIDS*, sendo que 22.66% deles reconheceram não sabê-lo e 42.83% confundiram forma de transmissão com a definição da doença. Este dado é significativo da competência das campanhas de esclarecimento veiculadas pelos meios de comunicação de massa, já que a maioria deles tem ressaltado as formas de transmissão e o caráter fatal da doença. A fonte de informação fundamental são os meios de comunicação, apontados por 65.66% dos pesquisados. Em seguida, aparece a Igreja com 14%, e parentes e amigos com 8.50%.

A maioria dos jovens apontou exclusivamente formas de prevenção vinculadas às relações sexuais - 89.34%. Destes, 35.66% disseram usar preservativos, 24.16% ter um só parceiro e 28.16% não ter vida sexual ativa. Mas há 3.5% que disseram desconhecer as formas de prevenção e 3.33% que não utilizam medidas de prevenção.

A pergunta dirigida àqueles que não se previnem contra a *AIDS* encontrou duas respostas fundamentais: não se previnem porque escolhem bem o(a) parceiro(a) e por não acharem que poderá acontecer com eles - estas são as principais razões que facilitam a contaminação pela via sexual.

CONCLUSÃO

Após a leitura dos dados, concluímos que, apesar de todas as dificuldades e carências no sistema de ensino, somadas às dificuldades de ordem econômica, constata-se um aumento do nível de escolaridade entre os jovens, se comparados à população total da RMBH.

No que diz respeito à sua relação com a Igreja, pudemos perceber que os jovens demonstram uma não aceitação da institucionalização da sua fé, pois vêem a religião mais como sendo de caráter pessoal do que institucional. Assim, a frequência à igreja é muito baixa, mesmo entre aqueles que dizem frequentá-la. Ficou também evidenciado que o grupo dos católicos, apesar de representar a média da população religiosa, é aquele que vem perdendo o maior número de adeptos para outras religiões - preferencialmente para aquelas não institucionalizadas - sem angariar novos seguidores. Entre os segmentos religiosos, ficou patente que os evangélicos representam o estrato social mais baixo da juventude, enquanto kardecistas e protestantes são a elite.

Os traços fortes dessa juventude são o conservadorismo, uma certa acomodação - seja no campo social seja no político - e individualismo, demonstrados por não se sentir responsável pelos problemas (seus e dos pais) que ela própria identificou. A falta de motivação em assumir uma prática política e social é uma constante nas respostas, o que nos leva a perguntar: qual será o melhor caminho para atingir esses jovens?

A desinformação é a tônica entre eles, presos aos meios de comunicação de massa, que não conseguem ou não pretendem orientá-los de maneira adequada à realidade por eles vivida. A família e a Igreja, apesar de trazerem segurança, não são considerados ideais pelos jovens.

Apesar de toda a luta das mulheres para a sua emancipação e conquista de seu lugar na sociedade contemporânea, encontramos um traço marcante de conservadorismo e autoritarismo no universo feminino, mesmo nos estratos de mais alta renda. Provavelmente esse é um traço característico de nossa cultura.

Finalizando, chamou-nos a atenção o fato de o PT ter sido o partido com maior incidência de aceitação e escolha entre os jovens que, no entanto, têm como opção ideológica a social-democracia e o liberalismo, a nível político. Nos faz pensar numa identificação, dos jovens, com a característica de juventude do *Partido dos Trabalhadores*.

Em resumo, a geração dos anos 90 é eminentemente consumidora de idéias e informações. Expectadora das mudanças, ela "não quer romper com nada, nem criar novos padrões".

Maria da Conceição Lopes Noronha
Maria Clara Baeta Galuppo

JUVENTUDE: Uma Visão Pastoral

Inferências Pastorais sobre a Pesquisa da Juventude na Região Metropolitana de Belo Horizonte

Pe. Carlos Fragoso Filho

A Arquidiocese de Belo Horizonte, mais uma vez, se preocupa em descobrir a realidade do povo. Realizou uma pesquisa sobre a juventude. Mas não basta relatar os números. É necessário interpretá-los, confrontá-los com outros mais gerais, e, principalmente, tentar descobrir caminhos pastorais que estas informações indicam ou sugerem. É o que, em parte, procuraremos fazer nestas notas.

O tema juventude é de grande importância por diversas razões. Primeiro, porque os jovens são a maior parte da nossa população. Segundo, no pluralismo da sociedade moderna, os jovens são os que mais necessitam de uma formação cristã. Terceiro, serão estes jovens os responsáveis pela sociedade de amanhã. Daí a necessidade de se conhecer melhor seus ideais, aspirações e valores.

Dividiremos nosso trabalho em quatro tópicos:

- I - Uma síntese das principais conclusões da pesquisa;
- II - Um levantamento dos mais importantes desafios que subjazem a estas conclusões;
- III - A elaboração de algumas hipóteses pastorais que ajudem a abordar estes desafios;
- IV - Algumas sugestões ou propostas para o Projeto "Construir a Esperança".

I - SÍNTESE DA PESQUISA

DADOS GERAIS

- Foram entrevistados 600 jovens, moças e rapazes com idade entre 16 a 24 anos em 37 bairros e favelas da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH).
- A metade da população pesquisada está estudando e o nível de escolaridade dos jovens está acima da média da população geral.
- A distribuição de renda indica que os jovens dotados de mais recursos são também os mais escolarizados.

JOVEM E RELIGIÃO

- Somente 65,6% dos jovens se dizem católicos contra o 73,4% da população geral da Região Metropolitana.
- Da mesma forma, cresce o número dos jovens que se declaram ateus (2.1%) e sem religião (17%).
- Há uma predominância da frequência feminina nas práticas religiosas entre os católicos.
- Os jovens católicos vêem sua Igreja como liberal e transmite segurança.
- É acentuado o individualismo nas práticas religiosas, reforçado pela pequena participação em atividades comunitárias.
- Há certo descompromisso com as formas institucionalizadas do culto e uma percepção de equivalência de valor entre as diversas religiões.
- Como principal função da Igreja é apontado o contato com Deus e a ajuda ao próximo.
- A maioria nega o valor da participação da Igreja na política. Quem a admite estabelece dois limites: conscientizar sobre a realidade sócio-política e manifestar sua posição em relação às questões éticas e morais.
- A maior parte dos que abandonaram uma religião anterior procedem do catolicismo.
- Os que abandonaram o fizeram por decepção com a Igreja e pela falta de interesse.

PROBLEMAS SOCIAIS

- Os jovens resumem os problemas sociais brasileiros em três palavras: miséria, corrupção e desemprego.
- Reconhecem a necessidade de participar das soluções, mas a quase totalidade não participa de nenhum movimento ou ação neste sentido.

JUVENTUDE E TRABALHO

- Há um ingresso prematuro dos jovens na força de trabalho, apesar do desemprego de muitos e a declaração de alguns de que "preferem" só estudar.
- O grau de satisfação com a ocupação, com os salários e com o tipo de relacionamento no emprego manifesta pouca percepção dos conflitos nas relações de trabalho.

- Esta alienação é reforçada pela baixa taxa de jovens trabalhadores sindicalizados e o número considerável dos que não possuem carteira de trabalho assinada.

JUVENTUDE E POLÍTICA

- Há um interesse moderado de um grupo pela política que cresce proporcionalmente ao nível de escolaridade e renda dos jovens, embora um outro grupo significativo (40%) se diz desinteressado.
- A metade dos que se interessam não tem preferência por partido e um quarto deste grupo opta pelo PT, mas o grau de militância é ínfimo.
- Quanto ao regime de governo, quase na mesma proporção, são defendidos a democracia e o governo autoritário, aquela pelos de maior renda e escolaridade e este pelos mais pobres e com menos instrução.
- Quanto ao sistema de governo, o preferido pela maioria foi o parlamentarismo. Quanto à ideologia, a opção determinante é pela social-democracia, centro, centro-esquerda e esquerda.
- A pena de morte é defendida pela maioria dos jovens e reconhecem que existem na sociedade dois tipos de preconceito: o étnico-racial e o sócio-econômico.

JUVENTUDE E EDUCAÇÃO

- A educação é considerada importante pela maioria dos jovens, embora a metade deles, em plena idade escolar, está fora da escola.
- A educação é vista ora como formação para a vida, ora como instrumento para atingir uma profissão, sendo mais valorizada entre os mais jovens e de maior renda familiar.
- Entre os que não estudam, a maioria alega a necessidade de trabalhar para sua manutenção. Há também os que estudam e trabalham.
- Os estudos são considerados teóricos sem levar a uma profissão. Dos que estudam a maioria o faz em estabelecimentos públicos e é custeada pelos responsáveis.
- Quase a totalidade dos estudantes não tem participação ativa nas entidades políticas estudantis.
- A maioria dos estudantes julga importante o ensino religioso, apontado por diversos como principal fonte de conhecimento da sua fé.

CULTURA E LAZER

- Quase a totalidade dos jovens são unicamente consumidores dos produtos culturais, prevalecendo o gosto pela música, shows, televisão e rádio.
- Em detalhes:
 - a) a maioria absoluta ouve rádio e tv muitas horas ao dia, optando por música e notícia;
 - b) preferem os gêneros: aventura, romance e ficção;
 - c) raramente lêem livros, quando em vez jornais e revistas e quase sempre quadrinhos;
 - d) quase não praticam esporte diário e quando o fazem preferem futebol e volei nos fins de semana;
 - e) a maioria procura formas de lazer que não impliquem em dispêndio financeiro.

DROGAS

- Há uma rejeição geral quanto ao uso próprio de drogas do tipo maconha e cocaína, e aceitação de bebidas alcoólicas e fumo, com tolerância decrescente quanto ao relacionamento com os usuários, a partir dos mais escolarizados.

AFETIVIDADE E SEXUALIDADE

- A maioria dos jovens são solteiros, residem com sua família de origem. Quando residem só ou com outras famílias é porque sua família de origem não mora na cidade.
- Os relacionamentos com familiares e vizinhos são em geral harmoniosos e os atritos diminuem com a idade. Os jovens são altamente sociáveis e preferem estar em grupos.
- A metade dos jovens pequisados namora ou são casados e têm relacionamento tranqüilo e harmonioso com o parceiro. Mantém grande intimidade afetiva entre si com envolvimento sexual.
- A informação e discussão de assuntos sexuais e afetivos é feita entre amigos e a sexualidade é considerada de primordial importância na vida dos jovens.
- Os jovens valorizam até certo ponto a virgindade e a castidade antes do casamento para as mulheres, mas a maioria é permissivo neste assunto.

- As relações homossexuais são reprovadas pela maioria; os jovens consideram normal o uso da masturbação e são a favor do uso de preservativos nas relações sexuais livres.
- Afirmam não seguir as orientações da Igreja sobre sexualidade, considerando o assunto de âmbito puramente pessoal.
- Quase todos pretendem se casar e julgam dois o número ideal de filhos.
- Muitos jovens são favoráveis ao uso permanente de métodos contraceptivos, admitem o aborto em casos especiais e os que são contra, não admitem que seja um crime.
- Estão razoavelmente informados sobre AIDS, admitem o uso de preservativo e citam como fonte de informação os meios de comunicação social.

EM SÍNTESE:

A pesquisa mostra nas suas grandes linhas que a juventude da RMBH conserva-se dentro dos padrões básicos da juventude brasileira. É um perfil com traços fortes de conservadorismo, consumismo, individualismo, alienação no campo social e político e de defesa do liberalismo econômico. Uma juventude com poucos ideais maiores, diferente da juventude das décadas de 60 e 70.

II - DESAFIOS PASTORAIS

A simples leitura da pesquisa faz cair alguns mitos que se tem sobre a juventude. Por exemplo, não se pode afirmar que os principais traços da juventude de hoje sejam a rebeldia, o inconformismo e o idealismo. O jovem dos anos 90 é um ser cultural acomodado, consumidor e sem grandes aspirações.

A pesquisa demonstrou também que há uma pluralidade cultural no meio dos jovens. Dificilmente, pode-se analisar a problemática que os aflige sem distinguir de que jovens estamos falando. As diferenças de classe, de escolaridade e de recursos econômicos são fundamentais para o tipo de valores cultuados pelos jovens.

A juventude é, ainda, o grupo mais numeroso da sociedade brasileira. Mas esta realidade está mudando rapidamente. Tal modificação manifesta a urgência em equacionar os problemas dos jovens. Eles definirão os traços fundamentais da nova sociedade brasileira.

Tentando catalogar os principais desafios da juventude metropolitana que emergem para a Igreja de Belo Horizonte, poderíamos sintetizar em cinco aspectos fundamentais:

- em ordem aos relacionamentos pessoais dos jovens;
- em ordem à sua formação cristã;

- em ordem à sua inserção na cultura moderna;
- em ordem às suas responsabilidades sociais e políticas;
- em ordem à vivência da fé cristã.

Apontaremos dois problemas fundamentais em cada item. É evidente que poderíamos desdobrar de maneira diferente cada questão. Mas, a metodologia escolhida nos parece permitir a transformação do assunto, de maneira pedagógica, em pistas concretas para intervenção na realidade.

RELACIONAMENTO PESSOAL

Na minha opinião, é este o ponto forte da juventude de hoje. Ela é capaz de se relacionar, não só com qualquer tipo de pessoa, como também com as mais variadas situações sociais com um mínimo de preconceito. Não há muita cobrança entre os jovens. Sua sociabilidade é a mais aberta possível. Esta riqueza da juventude dá origem à primeir questão:

(1) - COMO POTENCIALIZAR EM TODOS OS SENTIDOS (pessoal, social e religioso) A SOCIABILIDADE DA JUVENTUDE E CANALIZÁ-LA PARA A VIVÊNCIA E O TESTEMUNHO CRISTÃO?

Mas não basta melhorar as relações interpessoais. É necessário capitalizar estes relacionamentos positivos para as relações entre as diferentes classes sociais e situações socio-econômico-políticas. Aí vem uma segunda questão:

(2) - COMO CANALIZAR ESTE VALOR DA JUVENTUDE PARA HUMANIZAR AS RELAÇÕES DE TRABALHO, A CONVIVÊNCIA SOCIAL E A ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE GLOBAL?

FORMAÇÃO DA JUVENTUDE

Os nossos jovens são em parte "mal-educados". A família, a escola e a Igreja não conseguem competir em termos de formação com os meios de comunicação social e a informalidade dos amigos. Daí a questão:

(3) - COMO UTILIZAR A FORÇA GREGÁRIA DOS JOVENS PARA REALIZAR MELHOR SUA FORMAÇÃO HUMANA E CRISTÁ?

Por outro lado, sendo a família e a escola as fontes primeiras da formação de valores, hábitos e atitudes, permanece o desafio:

(4) - COMO TORNAR A FAMÍLIA E A ESCOLA COMPROMETIDAS COM A FORMAÇÃO ÉTICA, MORAL E RELIGIOSA DOS JOVENS?

CULTURA MODERNA

O fenômeno preponderante da civilização moderna tem sido a cultura urbana e de massa. É neste mundo novo que a maioria da juventude está inserida. Basta observar os estádios de futebol, os bailes "funks", discotecas, boates, festivais, barzinhos, festas populares, "shows" da moda, praças de "shoppings-

center" para perceber a cultura dos jovens. Por outro lado, a técnica, as ciências modernas, a informática, os meios de comunicação social, as artes fascinam a juventude. Surge daí a questão:

(5) - COMO UTILIZAR TODOS ESTES RECURSOS SOCIAIS PARA O TRABALHO DE FORMAÇÃO DA JUVENTUDE?

Os jovens de todas as classes estão sujeitos à deformação de contra-valores (consumismo, hedonismo, depravação sexual, uso de drogas etc.), incentivados pelo amoralismo destes meios modernos. Nasce a indagação:

(6) - COMO AJUDAR OS JOVENS A SEREM MAIS CRÍTICOS E MAIS ATIVOS NA ESCOLHA E NO USO DAS OPÇÕES CULTURAIS DA ATUALIDADE?

RESPONSABILIDADE SOCIAL

A passividade dos jovens frente à vida social e seus problemas, acompanhada por uma consciência que identifica as causas, mas rejeita participar pessoalmente das soluções, é uma dificuldade séria. Surge a questão:

(7) - O QUE FAZER PARA ENGAJAR OS JOVENS NAS LUTAS SOCIAIS E NOS MOVIMENTOS DE DEFESA DA CIDADANIA?

A descrença dos jovens nas organizações políticas e sua pouca participação nos partidos são notórias. Muitas vezes, sua ação política resume-se em votar (porque é obrigatório) em branco ou nulo nas eleições. Isso aponta para a questão:

(8) - COMO DESPERTAR OS JOVENS PARA ASSUMIREM UM PAPEL ATIVO NA VIDA POLÍTICA DA CIDADE, DO ESTADO E DO PAÍS?

VIVÊNCIA DA FÉ

A maior parte dos jovens possui certa religiosidade. Mas está distanciado de uma prática comunitária da fé. Comunga com facilidade uma visão intimista da religião, assunto privado. Afasta-se das formas institucionais do culto e abre-se para as experiências sincréticas da vida religiosa. Isto faz levantar a questão:

(9) - COMO LEVAR OS JOVENS A UMA EXPERIÊNCIA PROFUNDA E COMUNITÁRIA DE DEUS E DA VIDA CRISTÃ?

A aceitação pelos jovens, mais ou menos passiva, das proposições da cultura atual, no que se refere à sexualidade e afetividade, é um alerta para a Igreja. Também suas idéias sobre aborto, droga, contracepção e sexo fogem às normas da Igreja.

(10) - A ÉTICA E A MORAL SEXUAL, APONTADAS PELA IGREJA PARA A VIDA DAS PESSOAS, ESTÃO FORMULADAS DE MANEIRA A INCENTIVAR E DESPERTAR A ADESÃO DOS JOVENS?

III - HIPÓTESES PASTORAIS

Não temos a pretensão de apresentar receitas ou soluções para os graves problemas aqui afluídos. Sabemos que a Igreja iniciou tardiamente o diálogo com o mundo moderno. A maior parte das questões surgidas neste diálogo ainda estão em processo de estudo, de busca de pistas pastorais que permitam seu equacionamento correto. Ressalvando esta profunda limitação, tentamos sugerir, sob forma de hipóteses, algumas idéias.

Antes de levantá-las, recordemos algumas posições oficiais da Igreja sobre a juventude. O Concílio Vaticano II, depois de lembrar as profundas modificações na sociedade moderna (1376*), mostra como os jovens assumem responsabilidade própria (1377), e se transformam, eles mesmos, em apóstolos de outros jovens (1377). Mas para isso devem ser formados (143). De maneira especial precisam descobrir a dignidade do amor mútuo (304). Alerta-os a ter criticidade frente aos meios de comunicação social (1474).

Puebla lembra os traços característicos da juventude (1168), seu papel na sociedade (1170). Descreve, a seguir, a situação dos jovens na América Latina (1175), sua alegria pela descoberta do Cristo (1177) e sua visão de Igreja (1179). Afirma a opção preferencial pelos jovens e seu papel dinamizador da sociedade e da própria Igreja (1186). Determina como linha pastoral prioritária a pastoral da juventude (1187).

Santo Domingo reafirma a opção preferencial pelos jovens. Chama-os de força renovadora da Igreja e esperança do mundo (293). Propõe-lhes como tarefa especial a realização da nova evangelização (302).

Em consonância com as afirmações destes documentos da Igreja e com a realidade da pesquisa, levantamos algumas hipóteses pastorais.

HIPÓTESE UM: É PRECISO EXPLORAR EM PROFUNDIDADE O PODER DE RELACIONAMENTO DA JUVENTUDE.

Isto significa na prática a necessidade de se criar nas famílias, comunidades e paróquias mais espaço e ambiente, dotado das coisas que eles gostam, para o encontro e relacionamento informal dos jovens com adultos educadores da fé.

HIPÓTESE DOIS: PRIORIZAR NA IGREJA AS AÇÕES QUE VISEM A FORMAÇÃO CRISTÃ DOS JOVENS.

A opção preferencial não pode ser uma palavra vazia. É necessário concretizá-la em termos de ações reais, definidas junto com os próprios jovens.

HIPÓTESE TRÊS: PROMOVER EVENTOS CULTURAIS MISSIONÁRIOS ESPECIALMENTE VOLTADOS PARA OS JOVENS.

A Igreja está chegando atrasada no patrocínio de eventos desta natureza. Outros grupos religiosos já os fazem com grande sucesso. É necessário ter audácia e criatividade neste campo.

HIPÓTESE QUATRO: MOBILIZAR OS JOVENS A PARTICIPAREM DE MOVIMENTOS, CAMPANHAS E LUTAS POPULARES DE CUNHO SOCIAL.

Os últimos acontecimentos da vida pública brasileira tem demonstrado o valor pedagógico dessa participação. Um exemplo é o movimento de cidadania e de luta contra fome. Os jovens estão sempre prontos para a ação e para lutar por uma boa causa.

HIPÓTESE CINCO: LEVAR OS JOVENS A UMA EXPERIÊNCIA DE DEUS ATRAVÉS DO SEGUIMENTO DE CRISTO.

É preciso fazer da pessoa de Cristo o centro de evangelização dos jovens. Mais do que uma palavra, uma idéia, uma meta, Cristo precisa ser descoberto pelos jovens como companheiro de caminhada na vida.

IV - OS JOVENS E O PROJETO PASTORAL DA ARQUIDIOCESE

Sempre existiu na Arquidiocese de Belo Horizonte uma preocupação com os jovens. Num passado mais remoto, grande número de associações, pastorais e movimentos agrupavam verdadeiros exércitos de jovens. Hoje esta influência diminuiu bastante, dado o caráter secularista da sociedade moderna. Existem, ainda, nas paróquias, grupos de jovens e nos colégios de orientação católica algumas formas de presença da Igreja junto à juventude. Mas a grande massa dos jovens está distanciada da Igreja e de sua ação evangelizadora. Dela se aproxima somente em ocasiões especiais, mas sem maior comprometimento.

Preocupado com esta maioria quase invisível na Igreja, o Projeto Pastoral "Construir a Esperança", desde o início, abriu espaço para os jovens formando um grupo de trabalho, denominado Grupo Temático da Juventude. A finalidade do grupo era refletir sobre a situação da juventude e sugerir formas de evangelizá-la. Mas os resultados são ainda muito modestos. Daí, a idéia de pesquisar a situação da juventude na busca de pistas pastorais.

Encontramos algumas pistas? Talvez. É o que passaremos a avaliar. Analisemos em profundidade sob a luz da hipótese número um: qual é o espaço que damos atualmente aos jovens na Igreja?

Muito pouco. Nas estruturas paroquiais ele se resume, em termos físicos, a uma salinha onde fazem suas reuniões de grupo; o espaço social é quase sempre uma missa de jovens semanal ou mensal; o espaço missionário é a participação na catequese. E só.

Também nas estruturas arquidiocesanas o espaço é pequeno. Além das pastorais da juventude, vocacional e do menor, com dimensões reduzidas, há os setores juvenis dos movimentos e associações, e a celebração do Dia Nacional da Juventude. Nada mais.

Quem cuida de os acompanhar? Quem os orienta, quem os escuta na suas lutas? Quem os forma? Quais as promoções específicas para atraí-los ao Evangelho? Nenhuma. Alguém já disse: "não foram os jovens que deixaram a Igreja, mas a Igreja que os abandonou".

O texto-base da CF'92, cujo tema foi a Juventude, sugeria no agir diversas medidas que ainda não se concretizaram totalmente. Eis algumas:

- apoiar todas as atividades e promoções dos jovens;
- abrir espaço para a participação dos jovens nos órgãos de decisão nas paróquias e Arquidiocese;
- promover encontros de formação e retiros específicos para os jovens;
- assumir os símbolos e valores juvenis nas celebrações litúrgicas;
- tornar os jovens os sujeitos da nova evangelização.

Na nossa Arquidiocese, o melhor apoio aos jovens parece-me ser investir mais no Grupo Juventude do Projeto Pastoral. Recrutar novos membros para o grupo, dotá-lo de recursos necessários para o seu bom funcionamento, a fim de que o tema juventude possa ser estudado em profundidade.

Na questão da formação dos jovens (hipótese dois), além da continuação de todos os esforços que já se fazem, novas frentes poderão ser abertas. A Igreja poderia aproveitar melhor os recursos que tem. Por exemplo:

- Melhorar e ampliar sua presença formadora, através dos agentes de pastoral, nas escolas oficiais. A lei nos faculta este trabalho. Mas não temos sido capazes de formar e ampliar os agentes para estas tarefas.
- Usar mais adequadamente os espaços dos colégios religiosos, tornando-os centros de formação cristã para os outros jovens que não são seus alunos, nos horários noturnos e fins de semana.
- Os instrumentos de comunicação social da Arquidiocese poderiam investir mais nos interesses jovens. A pesquisa mostrou a juventude "se liga" pelos programas de rádios FM. Porque não criar um canal jovem ligado à Arquidiocese nesta frequência, em Belo Horizonte?
- A promoção de eventos culturais no âmbito de interesse dos jovens não é também uma coisa possível, a nível paroquial, forâneo e arquidiocesano?

Na questão cultural (hipótese três), em parte abordada na questão anterior, há ainda alguns aspectos a considerar.

Primeiro, é preciso lembrar que numa atitude formativa, os jovens, mais do que ninguém, necessitam ser libertados do consumismo moderno. Tudo que favorece o desenvolvimento da criticidade deve ser buscado e incentivado. Sendo os jovens pouco afeitos às formas acadêmicas, a crítica à cultura moder-

na deve vir como diversão e lazer. Uma idéia positiva é a formação de clubes, grêmios artísticos, oficinas de artes, que sejam ao mesmo tempo diversão e trabalho educativo e crítico sobre a cultura.

Segundo, os valores cristãos precisam ser embalados em linguagem jovem. A utilização de eventos recreativos para sua transmissão de maneira explícita e até subliminar é um instrumento válido.

O recurso de histórias em quadrinhos, por ex., é algo que jamais poderá ser esquecido. Como vimos, é a leitura obrigatória de todos os jovens. Seria, portanto, de suma importância investir nesta modalidade de comunicação para transmitir o Evangelho.

E no campo da informática, o que já produzimos em termos "software" para o crescimento da fé entre os jovens consumidores de "videogame"? Não se localiza em Belo Horizonte a mais moderna ilha de gravação de vídeo e TV? E não pertence este recurso a uma congregação religiosa?

Na questão de mobilização social (hipótese quatro), a Igreja já tem alguma experiência. Lembremo-nos, por ex., a nível arquidiocesano, da Torcida de Deus e da Romaria dos Sem-Casa. Mas somos muito tímidos quando o assunto é socio-político. É preciso deixar este falso pudor de lado e marcar uma presença forte no meio social e político. E para educar a nossa juventude à participação neste campo, é necessário mobilizá-la e envolvê-la nas lutas populares da cidade. Sabemos como fazer. Falta-nos é coragem e audácia cristã.

Na questão da experiência de Deus (hipótese cinco), é preciso utilizar novos métodos. É bobagem começar a evangelização pela pregação aos jovens da moral. Maior bobagem, ainda, se a moral que pregamos for a moral farisaica. Só quem ama se compromete. Por isso, é necessário apresentar aos jovens um Deus que é Amor, pessoas e comunidade, que nos chama a uma aliança. Cristo é a síntese da Trindade. Este, sim, é um compromisso forte, capaz de levar a generosidade dos jovens ao heroísmo, o seguimento de Cristo vivo.

Como proporcionar aos jovens esta experiência? Somos impotentes para isto. Só Deus pode fazê-lo. Ele se revela a quem quer. Mas nós podemos criar condições para que esta experiência se dê. O melhor caminho é expor os jovens a um contato direto com o Cristo, através da sua Palavra. Criar um ambiente de recolhimento, silêncio e de escuta é uma missão nossa. E nada melhor para criar este ambiente como colocar os jovens na presença de Deus diante do mistério da natureza.

Esta é uma lição preciosa da própria tradição cristã. Daí as atividades concretas:

- oportunizar aos jovens experiências de Deus em retiros, recolhimentos e encontros;
- otimizar o uso e aumentar o número de locais que permitam a realização desses encontros;

- buscar formas de baratear os custos financeiros da manutenção destes locais, colocando-os a serviço dos jovens;
- favorecer aos jovens mais carentes a utilização destes espaços e recursos.

CONCLUSÃO

Não há muita novidade na diversidade destas idéias. Elas já vêm sendo ventiladas há algum tempo entre nós. O elemento novo, aqui, é o fato de que vimos nossos pontos de vista confirmados pela pesquisa.

Diante desta confirmação, segue-se uma conclusão natural: temos a obrigação de implementar estas e outras sugestões, se quisermos realmente abordar com pertinência o problema da juventude em nossa metrópole.

Falando a linguagem da moda, que não nos falte "a vontade política" de ousar e sair do imobilismo tradicional, já que Deus nunca nos falta com a sua graça.

Pe. Carlos Fragoso Filho

Leitura Pastoral da Pesquisa sobre Juventude

Instituto de Pastoral da Juventude/Leste II

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma leitura pastoral da Pesquisa sobre a Juventude, do Projeto "Construir a Esperança". Tomamos, aqui, apenas algumas temáticas que julgamos fundamentais para a compreensão e evangelização da juventude, hoje. São temas-eixo, complementares entre si, que perpassam todas as Baterias, das quais tomamos alguns dados ilustrativos. Não se trata, porém, de uma "análise", mas sim de "indicações" pastorais, "pistas". No final, em anexo, apresentamos também um Itinerário complementar, tendo em vista jovens sem experiência eclesial.

1. Pluralismo, Fragmentação, Contraditoriedade

a) Alguns dados:

A sociedade moderna não se orienta por um único modelo, com referenciais definidos e absolutos. Há um enorme leque de posturas éticas, culturais e religiosas. Este pluralismo coloca em crise os velhos paradigmas e causa certa desorientação e fragmentação. A pessoa exerce papéis diferenciados e simultâneos. O que afeta diretamente a juventude: o jovem é filho, estudante, trabalhador, namorado etc. Daí a proposta do individualismo: o indivíduo se torna o paradigma mais seguro para a construção da personalidade e dos relacionamentos.

Por isso há uma certa contraditoriedade perceptível na sociedade e no jovem moderno: não há sistema acabado, definido, de idéias e valores. E mesmo alguns valores ou opções aparecem de forma contraditória. Por exemplo: 52% dos entrevistados acha que é muito importante a participação em movimentos sociais e que todos devemos assumir nosso papel na sociedade. Entretanto, 90,6% afirma não participar em movimento social e comunitário. Outros 39% acham importante participar da política. Porém apenas 2,33% tem filiação partidária.

A contraditoriedade aparece também quanto à religião: a grande maioria tem fé e 53,3% afirmam ser importante praticar sua religião dentro de uma Igreja. Enquanto isso, 63,5% não participam de atividades comunitárias movidas pela fé, ao lado de 40% que se relacionam com Deus individualmente. Mesmo assim, 16% afirmam ter compromisso comunitário em função de sua fé. Percebe-se isso, ainda, ao ver que 51,1% afirmam não seguir as orientações da

Igreja sobre a sexualidade: somente 14,8% seguem sempre todas as orientações e 15,8 seguem algumas orientações.

b) Indicações pastorais:

No campo religioso, a contraditoriedade aparece como uma não-ortodoxia: a juventude não é a fase da opção religiosa ortodoxa, certinha, definida dogmaticamente. Mas fase do amadurecimento da fé, da busca de experiências que favoreçam suas convicções para uma posterior opção.

- 1º) A evangelização dos jovens requer um processo de educação à fé. O que implica em uma postura pastoral mais adequada. Pois geralmente os pastores e agentes de evangelização aproximam-se da juventude esperando certas posturas e escolhas previstas. Precisamos superar uma certa "miopia pastoral", que busca na juventude os valores e respostas já previamente elencados.
- 2º) A evangelização da juventude requer pastores e agentes inseridos no meio dela, que possam ouvir, dialogar, criar empatia e orientar experiências que dêem sentido às propostas da fé. A juventude só adere àquilo que tem sentido para sua vida.
- 3º) Evangelizar mediante experiências: anunciar a justiça do Reino é propiciar experiência de justiça. Anunciar a fé em Jesus Cristo é provocar seu seguimento mediante experiências de solidariedade, celebrações etc. Dizer que a Eucaristia é vida e partilha implica em realizar tais experiências: campanhas, práticas alternativas de caridade, mobilização contra a fome e pela ética, inserção em meios carentes etc.
- 4º) É preciso dar espaço eclesial aos jovens, dando condições para uma experiência de fé que dê sentido à sua vida fragmentada. O argumento de autoridade não basta... As experiências pessoais e em pequenos grupos são mais eficazes. A experiência pessoal de Deus deverá ser promovida, interpretada comunitariamente à luz da fé e, depois, confrontada com a Tradição eclesial (as experiências que toda a Comunidade realiza).

2. Solidariedade e Senso de Justiça

a) Alguns dados:

Grande número dos jovens interrogados manifesta sua sensibilidade para questões de justiça e solidariedade humana: ao serem questionados sobre Religião, 40% dos jovens considera que a função da religião é aproximar as

peças, ajudar o próximo e promover a justiça. E 39% concorda que a Igreja se envolva em Política.

Este senso de Justiça e Solidariedade reaparece, ao serem questionados sobre o principal problema social do Brasil. Responderam: desemprego (14%), miséria (13%), corrupção (13%), educação (11%) e menores abandonados (10,33%). Porém, preocupa-nos o fato de que 60,5% são favoráveis à pena de morte. Mais adiante, 46% têm disposição para assumir movimentos assistenciais e reivindicatórios. Outros 74% dizem ser muito importante participar de movimentos sociais. É um dado significativo o fato de que 28,8% dos jovens que trabalham são sindicalizados.

Quando se pergunta a respeito de Partidos Políticos, os jovens parecem se retrair (somente 2,33% são filiados ou militam). Mas acreditam ser importante participar de movimentos sociais reivindicatórios e assistenciais, como vimos acima. Há uma certa descrença em relação às ideologias constituídas (partidos, por ex.). O que não impede o jovem de crer e optar pela Justiça e pela Solidariedade. Estes valores humanitários básicos, universais, são acolhidos: o jovem neles espera, e se dispõe a colaborar.

b) Indicações pastorais:

- 1º) A Igreja deve investir nisso: trabalhar sua linguagem, seu jeito de fazer Justiça, baseando-se em projetos humanitários livres de jargões, siglas e rótulos. À medida que a Justiça e a Solidariedade se identificam com uma "instituição", parecem perder força junto à juventude. Já, por outro lado, a Justiça e a Solidariedade apresentadas como valores universais, acima de partidos e ideologias, são objeto de adesão. A crise dos "modelos políticos" e das ideologias - para o jovem - não significa a crise dos valores humanitários em si. A juventude demonstra crer na Justiça e na Solidariedade. A juventude é uma força mobilizadora, que poderia ser melhor despertada e organizada.
- 2º) Mais: a Igreja deve oferecer espaços de exercício da cidadania onde os valores humanos possam ser vivenciados. Por exemplo: nos Conselhos Pastorais, Assembléias, Coordenações Paroquiais etc., viabilizando a participação dos jovens, com abertura ao novo, acolhida de reivindicações, confiança e partilha de responsabilidades. A Igreja terá mais incidência na vida da juventude na medida em que ela for espaço para a vivência desses valores.
- 3º) A Pastoral poderia ser mais ousada: há diversos organismos sérios dedicados à causa da Justiça, contando inclusive com membros jovens: Anistia Internacional; Serviço de Paz, Justiça e Não-violência (SERPAJ na América Latina), Movimentos Populares e algumas

ONGs. Pergunta-se: por que não atuar conjuntamente, assumindo os jovens como sujeitos mobilizadores, mesmo que a ação não seja estritamente eclesial? A juventude universitária, por exemplo, tem se mobilizado sempre que possível. A campanha do Betinho contra a fome o comprova. São jovens com senso crítico, abertos ao Humanitário, porém pouco atingidos pela Pastoral da Igreja.

- 4º) No que se refere à PJ mais especificamente, valorizar experiências de justiça e solidariedade, tais como: gestos, campanhas, caminhadas, mobilizações, Dia Nacional da Juventude (DNJ), presença em áreas carentes, participação em sindicatos, partidos, associações etc.
- 5º) Sensibilizar as Escolas católicas para que desenvolvam trabalhos de formação e exercício da cidadania. Sugestões: incentivar a criação de agremiações estudantis; introduzir o estudo de Direitos Humanos no currículo escolar; criar Conselhos participativos; promover a Pastoral da Juventude Estudantil (PJE).

3. Relações Interpessoais e Sociabilidade

a) Alguns dados:

- É significativo o dado de 95% dos jovens entrevistados morarem com familiares, 79,5% terem bom relacionamento com a família e 85% gostarem, terem respeito e paciência para com as pessoas idosas.
- Quanto ao casamento, 46% acha que ele é de fundamental importância na vida de todas as pessoas enquanto que 32% acha que é uma dentre outras formas de realização pessoal e 20% não vê muita importância. Dos jovens entrevistados, 56% pretende ter dois filhos, 14,5% três, 12,5% um e 8,3% nenhum.
- Também é expressivo o bom relacionamento com o(a) namorado(a) ou esposo(a) para 75,17% dos que tem namorado(a) - 57,6% dos entrevistados - e com a vizinhança (55,3%), podendo somar a estes mais 33% que têm um relacionamento cordial, embora superficial.
- Essa sensibilidade para com o outro nas relações interpessoais também se manifesta pelo fato de 95% dos entrevistados demonstrarem alto grau de sociabilidade e 47,3% afirmarem que a relação entre homens e mulheres está melhorando devido ao fato de estar havendo mais igualdade. Outros 52,5% afirmam que conversam sobre afetividade e sexualidade com amigos, além de 14,6% que conversa com pai e mãe e 12,5% com familiares, reafirmando a incidência da família na vida dos jovens.

- Por outro lado, é preocupante o fato de 3,8% afirmarem que não têm amigos, 12,3% afirmarem que não conversam sobre afetividade e sexualidade com ninguém e 42,3% afirmarem que não tem namorado(a).

b) Indicações pastorais:

Enquanto a adolescência é a fase da descoberta do corpo, do eu, a juventude é a fase, por excelência, da descoberta do outro, de estabelecer novas relações, de agrupar-se. Daí a importância de:

- 1º) Sensibilizar as famílias para que estabeleçam relações de confiança e dêem abertura e apoio de retaguarda para que os jovens possam fazer experiência de socialização com segurança, evitando que o(a) filho(a) se feche em casa, em seu mundo ou tenha que sair e entrar pela porta dos fundos.
- 2º) Resgatar a experiência familiar e os valores aí vivenciados e desenvolver uma pastoral dos enamorados/noivos de maior eficácia, assim como uma pastoral familiar integradora.
- 3º) Sensibilizar as Paróquias e Congregações para que ofereçam espaços de encontro, com infra-estrutura, para a juventude (para lazer, bate-papos, festas - sociabilização) e também para reuniões de estudo, reflexão, oração etc. Nesta fase é fundamental a boa acolhida e o apoio.
- 4º) Em paróquias e/ou casas religiosas, destinar pessoas capacitadas para acolher e atender os jovens que desejam partilhar suas experiências.
- 5º) Despertar os jovens para desenvolver um processo grupal de formação integral na fé e capacitar pessoas para acompanhar o(s) grupo(s) nesse processo.

4. MORAL SEXUAL

a) Alguns dados:

- Dos jovens que tem namorado(a) (57,6% dos entrevistados), 48% afirma que há grande intimidade afetiva e sexual e 42% afirma que há grande intimidade afetiva, mas não sexual.
- Do total dos entrevistados, 64% não dá importância à virgindade nem para o homem e nem para a mulher, 18,8% acha que é importante só para as mulheres e 16,6% acha que é importante tanto para os homens como para as mulheres.

- Quanto ao homossexualismo/lesbianismo, 36% dos entrevistados não concorda mas aceita tais pessoas, 31,6% é indiferente e 24,6% reprova, acha imoral e evita essas pessoas.
- No que se refere à masturbação, 73,3% não têm nada contra e acha que é uma forma normal de satisfação pessoal e 23,4% é contra.
- 89,3% é a favor de uso do preservativo como forma de prevenir doenças e gravidez; e 87,9% é a favor do uso de pílula, diafragma, DIU.
- Quanto ao aborto, 43,3% é a favor em caso de risco, estupro e feto defeituoso; 29,5% é contra porque considera crime e 11,1% é a favor da legalização por achar que a mulher tem direito de decidir sobre seu corpo e sua vida.
- Estes dados são coerentes com a afirmação de 51,1% dos entrevistados que dizem não seguir as orientações da Igreja sobre sexualidade, somados aos 15,8% que seguem só algumas, e apenas 14,8% seguem sempre e em tudo.

b) Indicações pastorais:

Diante do novo contexto cultural, não bastam argumentos de autoridade, nem um moralismo sexual, fundado na base do certo ou errado, pode ou não pode. Torna-se necessário e urgente:

- 1º) Desenvolver um processo educativo na base da escuta, do diálogo, buscando fundamentações plausíveis para o mundo de hoje, amadurecendo uma consciência ética que favorece à pessoa tomar decisões com liberdade e responsabilidade.
- 2º) Buscar novos fundamentos para a afetividade e sexualidade como: Amor, Alteridade, Reciprocidade, Partilha, Fecundidade, Relações de Igualdade, Afeto-Carinho, Respeito à dignidade do outro etc.
- 3º) Realizar uma educação sexual com uma visão positiva do corpo sexuado e das relações afetivo-sexuais, que supere o machismo, a violência e a opressão.

5. Subjetividade, Experiência e Linguagem

a) Alguns dados:

A subjetividade desconfia dos valores objetivos, definidos e absolutizados. Para o sujeito, o que vale é a sua experiência. Os discursos não determi-

nam sua crença e suas convicções. Na modernidade a fonte da "autoridade" não é a experiência passada e registrada das Instituições, mas a experiência percebida e feita pelo sujeito. Por exemplo: dos jovens entrevistados, 64% declara que se pode chegar a Deus através de todas as religiões, porque Deus é um só e todas as formas de fé e religião levam a Deus (distinções dogmáticas não contam...). Esta subjetividade se confirma quando 37,1% dos entrevistados diz não ter nada contra o uso de maconha, e 62% não ter nada contra o uso de cigarros e bebidas alcoólicas: é problema de cada um!... Esta mesma tendência também se percebe quanto à afetividade, como vimos acima.

A experiência é, na verdade, a linguagem do sujeito. As experiências afetivas, práticas etc. vão aparecendo na música, na postura, no modo de vestir. Muitas vezes uma roupa carrega uma revolução. Mais que palavras, a linguagem da experiência é também visual, corporal, feita de olhares, sentimentos e símbolos. A comunicação visual predomina sobre a comunicação intelectual e discursiva: se lê pouco, se vê muito.

Neste sentido, a pesquisa traz dados significativos: dos jovens questionados, 74% ouve música e vê TV quase todos os dias, sendo que na TV 24,1% prefere filmes, 19,8% novelas, e 17,5% os noticiários. 40% raramente lê, e dos que lêem 62% se agrada mais com o gênero "ficção". 76% declara seu interesse pela música, dança e teatro. Mas preocupam-nos o fato de que 81,5% participa apenas passivamente (ouvinte, espectador) e o alto índice de jovens que não pratica nenhum tipo de esporte (31%).

b) Indicações pastorais:

Na ação evangelizadora, é necessário resgatar a experiência como caminho natural da fé. No lugar de muitos discursos argumentativos e cheios de autoridade, a pastoral deve investir mais na experiência que fala na canção, no gesto, na acolhida, no corpo, na dança, nos símbolos. Tanto a catequese como a liturgia terão aqui uma fonte de criatividade e expressão. Por isso, é preciso:

- 1º) Aprimorar a comunicação e criatividade nas Liturgias.
- 2º) Investir e promover grupos e festivais de música, teatro, dança etc.
- 3º) Investir em infra-estrutura de som para comunicação eficiente com a massa, para estar a serviço dos eventos pastorais.
- 4º) Proporcionar aos jovens experiências de fé, através de retiros, vigílias, encontros, celebrações etc.

INSTITUTO DE PASTORAL DA JUVENTUDE/LESTE II
Rua Aimorés, 2470 (Sto. Agostinho)
30140-072 BELO HORIZONTE-MG - Fone: (031)292-2832

ANEXO

PROPOSTA DE UM ITINERÁRIO DE EDUCAÇÃO À FÉ PARA JOVENS SEM EXPERIÊNCIA DE IGREJA*

A) RUMO AO CRESCIMENTO/MATURIDADE HUMANA

Desenvolver um processo que leve a pessoa a conhecer-se e a aceitar-se como é, com seu corpo, valores e limitações e fazer experiência da acolhida e do amor de Deus através da atitude do assessor ou agente de pastoral.

Esta experiência positiva de si mesma, como ser único, abre a pessoa para a socialização, para o encontro com o outro como ser diferente. Este encontro é fecundo. Na abertura ao outro se dá o encontro com o próprio Cristo.

Na experiência positiva da vida com os outros, ganha corpo a pergunta sobre o sentido da vida e seu significado último. Assim, esta experiência humana vai se tornando uma experiência religiosa.

Na medida em que a pessoa atingir níveis mais profundos e escolher a fé como chave para interpretar a própria existência, deve ser acompanhada e estimulada a elaborar uma visão cristã orgânica da vida e da história.

B) RUMO AO ENCONTRO AUTÊNTICO COM CRISTO

O anúncio de Jesus Cristo e sua "Boa Notícia" leva a pessoa a descobrir a presença de Cristo na própria vida como chave de felicidade e de sentido. Do Cristo anunciado, o caminho de fé avança para o Cristo amado, contemplado e, finalmente, seguido com a atitude de discípulo.

Este processo de educação à fé, que tem por base o testemunho dos cristãos, tem por objetivo preparar, aprofundar para o encontro pessoal com Jesus e colocar-se em seguimento. Este encontro de fé com Jesus Cristo deve ser sustentado pela experiência de vida, reflexão e celebração em comunidade de seguidores.

A perseverança na conversão e no seguimento de Cristo, já que muitos podem desistir do/no caminho, leva a reelaborar a própria visão e atitude de vida e a viver de modo novo, colocando-se a serviço do Reino de Deus.

Por fim, a vivência da fé leva à radicalização de atitudes e comportamentos e a dar a razão da própria esperança (1Pd 3,15) e a estar em permanente diálogo com o Pai, fruto da atitude de contemplação na ação.

C) RUMO À INTENSA PERTENÇA ECLESIAL

A experiência de fé da pessoa vai despertá-la para a integração numa comunidade dos seguidores de Jesus. A experiência grupal deve/pode ser um passo significativo enquanto experiência de Igreja.

Pelo Batismo assumirá a mesma missão de Jesus e juntamente com os demais constituirá comunidade de fé (co-munus); e terá a Igreja como lugar de comunhão com Deus e com os irmãos, sendo sinal e instrumento do Reino de Deus.

As experiências significativas da nova vida em Cristo, serão celebradas em comunidade através das Liturgias e dos Sacramentos, que são sinais e manifestação da Graça de Deus.

D) PARA UM EMPENHO PELO REINO DE DEUS

Neste processo educativo, a pessoa vai descobrindo seus dons e possibilidades e que é preciso ser verdadeiramente feliz com eles. Por isso, fazendo experiência de disponibilidade, generosidade e serviço, vai se perguntando e discernindo o "Senhor que queres que eu faça?" (At 22,10); até o ponto de dizer, como Maria: "Eis-me aqui Senhor!"

Na alegria, a pessoa descobre seu lugar e sua missão, toma uma decisão, confessa o valor absoluto do Deus Uno e Trino e dá uma resposta ao seu amor, empenhando-se até a radicalidade no serviço ao Seu Reino que é, ao mesmo tempo, Dom gratuito e trabalho humano. (Cf. Documento do Capítulo Geral 23 - dos Salesianos, 1990, sobre Processo de Educação dos Jovens à/na Fé, nº 101-157).

* (NOTA): Para uma melhor compreensão da proposta da Pastoral da Juventude, indicamos o texto "Pastoral da Juventude: Elementos para um Marco Referencial" (a ser publicado pelo Centro de Capacitação da Juventude, S. Paulo).